

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE
CURSO DE PSICOLOGIA

Luiza Leonardi Lacava

**SENTIDOS DO TRABALHO PARA A JUVENTUDE:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Porto Alegre
2023

Luiza Leonardi Lacava

Sentidos do trabalho para a juventude: Uma revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Psicologia da Fundação
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto
Alegre, como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mayte Raya Amazarray

PORTO ALEGRE
2023

Banca examinadora:

Interna: Prof^a Daniela Levandowski

Externa: Prof^a Dr^a Luciana Dutra-Thomé (UFBA)

RESUMO

Este estudo realizou uma revisão integrativa com o objetivo de identificar como os jovens do continente americano na faixa etária dos 14-30 anos concebem o sentido do trabalho em estudos científicos. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura do período compreendido entre 2013 e 2023 com o objetivo de sintetizar os principais resultados dos estudos, investigar se há diferença entre sentidos atribuídos por jovens de diferentes países e verificar se há relação entre condições socioeconômicas e sentidos do trabalho. As bases de periódicos utilizadas foram Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo, *Web of Science* e Scopus. Foi realizado um levantamento das principais características das publicações selecionadas e das juventudes investigadas. Os resultados foram sintetizados em (1) condições e estrutura de trabalho atual, (2) sentidos do trabalho (subcategorias: relacionamento *versus* isolamento; dinheiro *versus* lazer/realização; identidade e autoestima), (3) relações do trabalho com a família e a escola e (4) perspectivas futuras. Destacaram-se as diferenças entre atribuições de sentido, condições de trabalho e perspectivas de futuro entre jovens de níveis socioeconômicos diferentes. De maneira geral, jovens em situação de maior vulnerabilidade atribuem a geração de renda e a necessidade de subsistência como sentidos do trabalho, enquanto jovens de maior nível socioeconômico atribuem prazer e realização.

Palavras-chave: sentidos do trabalho, significado do trabalho, jovem, adulto jovem, revisão integrativa.

ABSTRACT

This study conducted an integrative review aiming to identify how young individuals in the American continent, aged 14-30, conceive the meaning of work in scientific studies. An integrative literature review was conducted for the period between 2013 and 2023 to synthesize the main findings of studies, investigate whether there are differences in the meanings attributed by youth from different countries, and examine the relationship between socio-economic conditions and the meanings of work. The journal databases used included the Virtual Health Library (VHL), Scielo, Web of Science, and Scopus. A survey of the main characteristics of selected publications and the investigated youth was conducted. The results were synthesized into (1) current work conditions and structure, (2) meanings of work (subcategories: relationship versus isolation; money versus leisure/achievement; identity and self-esteem), (3) the relationship of work with family and school, and (4) future perspectives. Differences in meaning attributions, working conditions, and future outlooks among youth of different socio-economic levels were highlighted. Generally, youth in more vulnerable situations attributed the meanings of work to income generation and subsistence, while youth from higher socio-economic levels attributed pleasure and fulfillment.

Keywords: meaning of work, meaningful work, youth, young adult, integrative review.

Introdução

Qual é o significado do trabalho atualmente? Pode ser comum perguntar isso quando se vê reportagens acerca do *quiet quitting* [demissão silenciosa] (CNN, 2023), *quiet ambition* [ambição silenciosa] (Robinson [Forbes], 2023) ou sobre jovens relatando a saúde mental como prioridade ao ponderar aspectos envolvidos na escolha de um trabalho. Neste caso, muitas vezes, preferindo a integridade de sua saúde mental, ou seu bem-estar, em detrimento de oportunidades de inserção no mercado de trabalho (Jovem Pan, 2023).

O trabalho e seus componentes variam conforme o contexto socioeconômico vigente. Porém, mais do que isso, entende-se que o trabalho (e seus componentes), ao mesmo tempo que afeta, também é afetado pelo contexto. Segundo Borges e Yamamoto (2014, p. 34), “a história da formulação e transformação da concepção do trabalho sob o capitalismo é demarcada pelas suas próprias crises e pelas suas tentativas de superação”. De maneira geral, para entender o significado do trabalho, é interessante retomar fatos históricos que afetaram os valores relacionados ao trabalho em cada época.

Aristóteles e Platão, na Antiguidade Clássica, afirmavam que o trabalho impedia os homens de pensar e consideravam que a única maneira de trabalho era o braçal, naquele tempo realizado exclusivamente por pessoas escravizadas (Borges & Yamamoto, 2014; Strefling, 2006). Com o início do capitalismo, sob o contexto da lógica mercantilista e o surgimento do contrato de trabalho, há um movimento de glorificação do trabalho (Borges & Yamamoto, 2014). O trabalho também passa a ser uma mercadoria, o que para Marx (como citado em Borges & Yamamoto, 2014) exclui o caráter humanizador do trabalho e o torna majoritariamente alienante, explorador e discriminante. Além disso, a compra da força de trabalho gera aos capitalistas o poder de determinar quaisquer tipos de condições ao trabalhador, estabelecendo uma relação de dominação (Harvey, 1992).

A primeira metade do século XX foi marcada pelo advento da gerência científica de Taylor e de Ford, criadores dos modelos taylorista e fordista - sistemas administrativos que visavam ao controle absoluto do trabalho alienado por meio da rigidez organizacional. Enfatiza-se o modelo de

cadeia de montagem do fordismo, o qual envolvia utilização de diversos mecanismos, como a esteira, que permitiram a produção em massa (Tenório, 2011). A ideia era limitar ao máximo os movimentos humanos, tanto físicos quanto intelectuais - gerando economia de movimentos e de pensamentos. Essa limitação pode ser entendida, também, em termos subjetivos, já que a esteira conseguia controlar o tempo de produção e, por consequência, o fator tempo se dispersa completamente do domínio do trabalhador. Após a Segunda Guerra Mundial, o surgimento do Estado de Bem-Estar (*Welfare State*) intensifica a associação entre produtividade e poder de consumo. Isso trouxe um enfoque para os significados instrumentais do trabalho (salário, benefícios e seguros) e associou o progresso ao bem-estar social, ou seja, o trabalho passa a estar associado como possibilidade de promover relações interpessoais e de bem-estar (Borges & Yamamoto, 2014).

No final dos anos 1960, diante de um descontentamento de diversas camadas da população e uma queda significativa na produtividade durante o modelo fordista, ocorreu uma crise estrutural do capital (Antunes, 2009; Ribeiro, 2015; Tenório, 2011). Esta pode ser entendida como o fracasso de um padrão de dominação entre classes e, para sua resolução, foi necessário pensar em novos padrões de dominação (Holloway, 1987). Nesse contexto, surgiu o modelo toyotista (ou de acumulação flexível) e o ideário de flexibilidade (Harvey, 1992; Prates et al., 2014; Ribeiro, 2015; Tenório, 2011). Para os trabalhadores, esse modelo significou maior exploração e maior número de empregos informais, já que reduziu o número de postos de serviço (Borges & Yamamoto, 2014). Ademais, aspectos que sequer antes eram desejados, como criatividade, autonomia e iniciativa, passaram a ser incentivados pela gestão e tomados como requisitos para a obtenção de um emprego (Ribeiro, 2015). De maneira geral, a pressão sobre o trabalhador aumentou, embora apresentados sob novos moldes, pois passou a haver uma cobrança mais sofisticada de produção (Borges & Yamamoto, 2014).

O processo de acumulação flexível, desde seu início, a partir da mudança nas condições de trabalho, incentivou a terceirização e a precarização do trabalho. O conceito de condições de

trabalho pode ser entendido a partir dos tipos e modalidades de trabalho, condições físicas e materiais, conteúdo das atividades e condições do ambiente referindo às práticas sociais. Um trabalho precário é marcado por carências nesses aspectos que compõem as condições, como direitos, qualidades nas funções ou remuneração (Borges et al., 2022). No modelo de acumulação flexível, os empregadores começaram a buscar trabalhadores parciais, temporários ou subcontratados (Ribeiro, 2015; Antunes, 2009). Também houve mudança na rigidez da jornada, que começou a seguir as especificidades de cada organização, sendo comum os trabalhadores trabalharem mais horas em momentos de pico de demanda - ou seja, flexibilidade tornou-se sinônimo de instabilidade (Ribeiro, 2015). Esses novos modelos de trabalho não criaram necessariamente insatisfação, porque os trabalhadores também se sentem, em parte, beneficiados em alguns casos (Harvey, 1992). Entretanto, quando se pensa na proteção da classe trabalhadora e benefícios, se sobressaem os pontos negativos. Cria-se de um operário sujeito a constantes instabilidades que é incapaz de se apresentar como força social unificada, resultando, portanto, na desfragmentação da classe trabalhadora (Ribeiro, 2015).

O novo modelo de organização do trabalho permitiu uma sutilidade nos mecanismos de dominação e um apreço pela autonomia - espera-se que o trabalhador atue por identificação com o que é pregado pela empresa (Borges & Yamamoto, 2014). Essa apropriação da subjetividade do trabalhador pela organização denomina-se trabalho imaterial. Ele é produzido quando há um projeto sedutor por parte da organização, que consegue mobilizar as forças criativas, intelectuais e comunicativas do sujeito para a empresa (Monteiro et al., 2022). Percebe-se, portanto, que a valorização da subjetividade do trabalhador no processo produtivo é inautêntica, porque serve somente para acomodar-se nos interesses das organizações (Antunes, 2009; Ribeiro, 2015). Há um clima de insegurança e desestabilização (Monteiro et al., 2022). Os gestores com o objetivo de exercer esse controle, muitas vezes sutil, e fazer perdurar o clima que se deseja criam estratégias de excitação e insegurança. Mudanças frequentes que dificultam a familiaridade com rotinas e

vínculos, a imposição de um escopo de atividades que sempre exige o limite das possibilidades do trabalhador e o estímulo à individualização (Linhart, 2014).

Ressalte-se que essas mudanças aconteceram primeiro nos países nucleares do capitalismo e, por consequência, as nações de industrialização periférica foram incorporadas em uma dinâmica de maior subordinação e dependência (Antunes, 2009). Ao final da década de 1980, há uma consolidação do significado do trabalho como uma temática de estudos (Borges & Tamoyo, 2001). Isso pode ser explicado por cinco fenômenos decorrentes da crise do taylorismo/fordismo e afloramento do modelo de acumulação flexível: (1) valorização de novas características no trabalhador e desejo que ele tenha mais protagonismo no processo decisório; (2) polêmicas acerca do trabalho continuar sendo importante e/ou central para as próximas gerações; (3) movimento da Psicologia Social que enfatiza temas relacionados à cultura e significados; (4) crescimento de oferta de emprego principalmente no setor de serviços, que eram menos influenciados pelo taylorismo/fordismo e exigiam competências diferenciadas aos trabalhadores; por último, (5) mudanças nas relações de trabalho, principalmente pelo enfraquecimento do movimento sindical (Borges & Yamamoto, 2010).

Há uma discussão sobre a terminologia adequada, se é sentido ou significado do trabalho. A palavra “significado” tem duas raízes, uma alemã “sumo” que refere a tomar uma direção e uma latina “sensus” que se conecta com experienciar impressões (Morin, 1996). Para a psicologia, o significado está mais ligado a experiências de coerência e equilíbrio. Por outro lado, Vaz Lima (1997) aponta duas abordagens centrais no entendimento filosófico ocidental moderno: a primeira seria a abordagem lógico-linguística, que busca entender a forma em que “significado” é expressado na linguagem, enquanto a segunda, a abordagem existencial, pensa no significado aplicado ao propósito, motivo pelo qual um ser é movido a fazer o que faz. Em geral, na maioria das produções científicas, são tratados como sinônimos ou conceitos muito semelhantes (Borges & Yamamoto, 2010). Mas, Tolfo e Piccinini (2007, p. 44) estabelecem uma distinção: “Os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto, ao

passo que os sentidos são caracterizados por ser uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano". Visto isso, Tolfo e Piccinini (2007) defendem a nomenclatura "sentidos do trabalho".

Um passo importante para desdobrar os componentes do significado do trabalho foi a pesquisa realizada pela *Meaning of Work International Team* (MOW), que agrupou seus achados três dimensões: (a) centralidade do trabalho, (b) normas sociais sobre o trabalho e (c) resultados valorizados do trabalho (Tolfo & Piccinini, 2007; Borges & Yamamoto, 2010). Tolfo e Piccinini (2007) explicam os três conceitos. (a) A centralidade do trabalho trata do lugar de importância que o trabalho ocupa na vida do indivíduo, formada por dois componentes: a centralidade absoluta do trabalho - mensura valorativamente a importância do trabalho e como isso afeta a auto-imagem - e a centralidade relativa - que faz uma comparação do trabalho com outros núcleos da vida do indivíduo. (b) As normas sociais têm relação com os valores morais relacionados ao trabalho, ou seja, tratam das expectativas acerca dos direitos e deveres dos trabalhadores (percepção do que o trabalhador oferece *versus* o que ele recebe). (c) Por fim, os resultados valorizados no trabalho estão relacionados aos motivos que levam o indivíduo a trabalhar - o que o indivíduo busca ao trabalhar, o que consegue satisfazer com ao realizar a atividade laboral. É importante frisar que todos esses componentes estão relacionados com o contexto sócio-histórico e aos valores que estão atribuídos ao trabalho naquele momento.

Bendassoli et al. (2015), em uma revisão sobre estudos em significado e sentido do trabalho, mostram diversidade na composição amostral de pesquisas. Grande parte dos artigos foram realizados com população adulta e junto a determinadas profissões ou relacionados a condições específicas (por exemplo, detentos ou usuários de serviços de saúde mental). Ressaltam, também, que uma minoria de pesquisas sobre sentido e significado do trabalho foi feita com populações jovens. Zan (2013), em contrapartida, aponta que os estudos sobre a juventude em geral têm se intensificado no Brasil durante os últimos anos e tratam sobre diferentes temáticas, como sua relação com a escola ou sua trajetória profissional, incluindo os sentidos que atribuem ao trabalho.

Salazar e Bispo (2021), em uma revisão sistemática sobre sentido do trabalho para jovens, concluíram que, na maioria dos casos, os jovens estão satisfeitos com seu trabalho, considerando um privilégio tê-lo, independente das condições laborais. Ainda, apontaram que o trabalho para alguns jovens pode ser um sacrifício, mas também um meio de melhorar suas condições econômicas. Ademais, pelo fato de possibilitar relações sociais, a atividade laboral também permite uma construção de identidades.

Sobre o período do ciclo vital compreendido enquanto juventude, há diversas proposições. De acordo com o Estatuto da Juventude (2013), jovens são as pessoas que têm idade entre 15 e 29 anos, enquanto a Organização Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde (OPAS-OMS) define juventude como o grupo de pessoas entre 15 e 24 anos. Já Specht (2020) aponta que a adultez emergente corresponde ao período dos 18 aos 25 anos, enquanto a adultez jovem dos 18 aos 30 anos. A literatura é imprecisa ao se tratar da faixa etária que corresponderia ao grupo da juventude (Costa et al., 2020). Porém, é possível afirmar que mesmo com faixas etárias distintas, a juventude abrange o período da adolescência e início da idade adulta e é marcada pelo conflito identidade x confusão (Erikson, 1968). Ao conseguir passar pelo seu período de exploração, o jovem alcança a identidade realizada e é capaz de assumir compromissos internos de longo prazo (Dutra-Thomé & Amazarray, 2018; Marcia, 1966). O trabalho permite tomar consciência de si e do mundo (Bendassolli & Gondim, 2014). Nesse sentido, a atividade laboral saudável pode auxiliar a desenvolver diversos aspectos da identidade do sujeito e ser referência para desenvolvimento psicossocial ou, ao contrário, pode possuir caráter degradativo, gerando sofrimento (Dutra-Thomé & Koller, 2014; Medeiros et al., 2022).

Erikson (1968) também trouxe o conceito de adolescência prolongada, que contribuiu para o conceito de adultez emergente proposto por Arnett (2011). As mudanças sociais das últimas décadas nas sociedades industrializadas permitiram que a adultez emergente se caracterize como um período de desenvolvimento típico dos jovens que marca um prolongamento na transição para a adultez (Monteiro et al., 2009; Dutra-Thomé & Koller, 2014). Essa fase é marcada por sensação de

muitas possibilidades, exploração da identidade, autonomia, ambivalência (*in-between*) e o foco em si (Monteiro et al., 2009). Galambos e Martinez (2007) apontam, entretanto, que a adultez emergente não é vivida da mesma forma para jovens latino-americanos, indicando diferenças culturais importantes e problemas sociais, com a instabilidade dos empregos, que dificultam a elaboração de sentimentos característicos do período.

O contexto do modelo de acumulação flexível traz heterogeneidade e instabilidade ao percurso laboral de jovens, muitas vezes marcado pela dificuldade de obter um trabalho (Paulino & Bendassolli, 2018). Também evidencia que estão em situação de maior precarização do que adultos, já que há falta de experiência para adentrar no mercado laboral (Coelho & Aquino, 2009). Principalmente para grupos de jovens com escolaridade baixa, o trabalho é visto como escasso e qualquer oportunidade deve ser considerada, enquanto jovens com escolaridade mais alta esperam empregos que façam sentido com sua qualificação (Camarano et al., 2004). Gorz (2004) argumenta que há uma premeditação do fim da centralidade do trabalho, enquanto Antunes (2009) justifica que a perda da centralidade do trabalho tem viés eurocêntrico, não representando, portanto, o Terceiro Mundo. Dessa forma, entende-se que a relação dos jovens com o trabalho é única e entender os sentidos que atribuem ao trabalho significa compreender qual o lugar ocupado simbólica e materialmente pela atividade laboral para essa população, além dos aspectos socioculturais relacionados com suas atribuições de sentido.

Método

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura a partir das sugestões de Mendes, Silveira e Galvão (2008). Com o objetivo de entender como a literatura científica dos últimos 10 anos (período 2013-2023) têm abordado a temática do sentido do trabalho para jovens do continente americano na faixa etária dos 14 aos 30 anos, foi realizada uma busca nas bases de dados *online* Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo, Web of Science e Scopus. Em todas as plataformas, foi utilizada a ferramenta de Busca Avançada contendo a conexão pelo operador booleano “AND” entre duas linhas e em cada uma das linhas foram escritos os seguintes termos:

Linha um (em relação a juventude): "adulto jovem" OR "adultos jovens" OR "jovem adulto" OR "young adult" OR "adult, young" OR "adults, young" OR "young adults" OR "adulto joven" OR "adultos jóvenes" OR "joven adulto" OR "jóvenes adultos" OR "adolescente" OR "jovens" OR "jovem" OR "adolescentes" OR "adolescência" OR "juventude" OR "adolescents" OR "adolescence" OR "teens" OR "teen" OR "teenagers" OR "teenager" OR "youth" OR "youths" OR "young". Na linha dois (em relação a sentido do trabalho): "meaning of work" OR "meanings of work" OR "meaning of working" OR "sense of work" OR "senses of work" OR "sense of working" OR "significado do trabalho" OR "significados do trabalho" OR "significado de trabalhar" OR "sentido do trabalho" OR "sentidos do trabalho" OR "sentido de trabalhar" OR "significado del trabajo" OR "significados del trabajo" OR "significado de trabajar" OR "sentido del trabajo" OR "sentidos del trabajo" OR "sentido de trabajar". A escolha do termo “significado do trabalho”, e seus correspondentes em inglês ou espanhol, deve-se ao fato de que a discussão terminológica entre sentidos e significados foi posterior ao desenvolvimento da pesquisa sobre o tema no geral e, por consequência disso, “significado do trabalho” tende a ser mais referenciado na literatura (Borges & Barros, 2015).

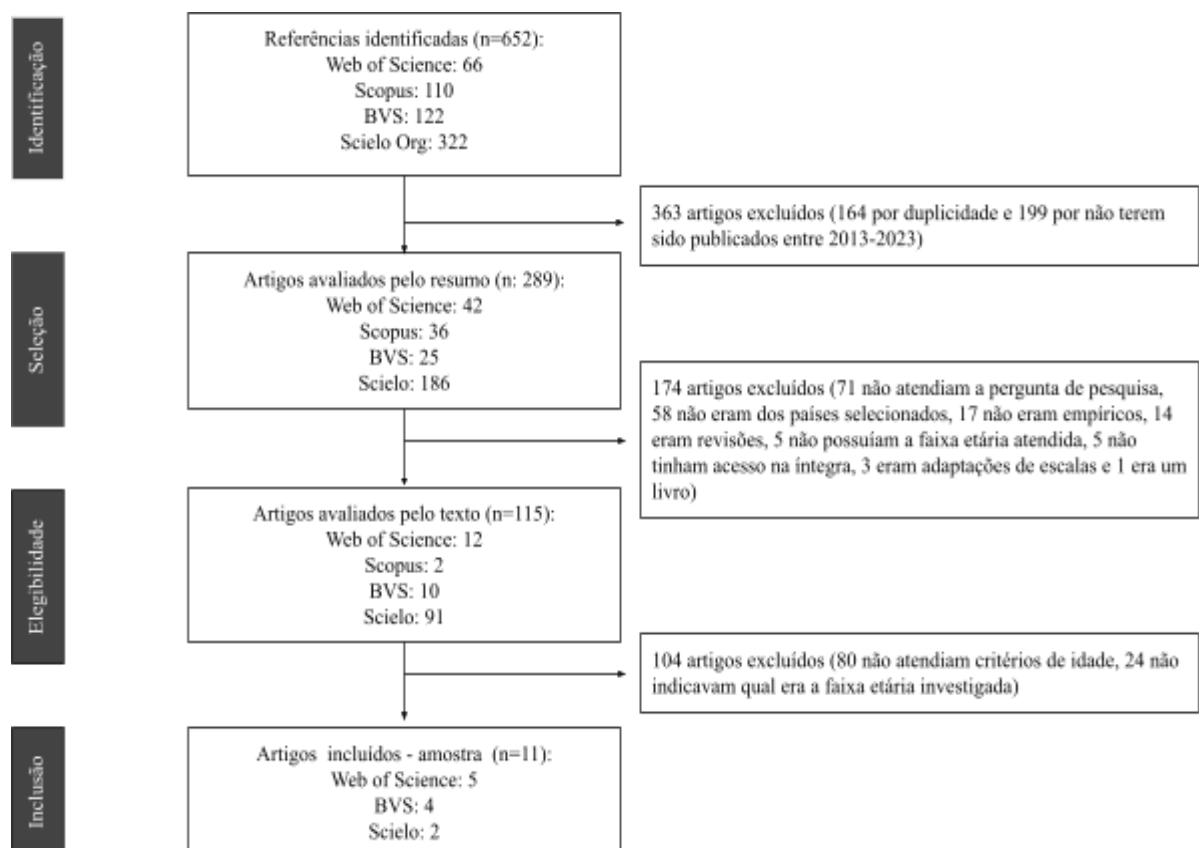
O resultado apresentou 652 artigos. Com o auxílio do aplicativo Rayyan na identificação e exclusão de documentos duplicados, restaram 323, os quais foram avaliados pela leitura dos resumos, levando em consideração os critérios de inclusão. Foram considerados elegíveis os estudos (1) publicados entre 2013-2023; (2) no idioma português, inglês ou espanhol; (3) empíricos de abordagem qualitativa, quantitativa ou mista; (4) que abordaram o tema do “sentido do trabalho” para jovens de 14-30 anos; (5) disponíveis para acesso completo e gratuito mediante oferecido pela biblioteca da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Dessa forma, foram excluídos os artigos (1) que eram teóricos ou de revisão da literatura; (2) que a população estudada tinham faixa etária diferente de 14-30 anos; (3) que se referiam a validação de medidas.

Ao aplicar os critérios (ver Figura 1), resultaram 10 artigos, a partir dos quais foram extraídos e organizados os dados de interesse na ferramenta *Google Sheets*. Levando em

consideração os objetivos secundários da revisão, de sintetizar os principais resultados dos artigos, investigar se há diferença entre sentidos atribuídos por jovens de diferentes países e verificar se há relação entre condições socioeconômicas e sentidos do trabalho, foram extraídos os seguintes dados referentes ao artigo e autoria: (1) Título; (2) Autor(es); (3) Resumo; (4) Palavras-Chave; (5) Periódico de publicação; (6) Formação 1º autor; (7) Ano; (8) Linguagem; (9) Menção a comparações entre condições socioeconômicas diferentes entre participantes; (10) Quais outros componentes foram pesquisados, além do sentido do trabalho; (11) Delineamento do estudo; (12) Instrumentos utilizados na coleta de dados; (13) Procedimentos de análise dos dados; (14) Principais Resultados; (15) Aspectos considerados relevantes da discussão ou consideração final e (16) Limitações. Ademais, em relação à população estudada nos artigos: (17) País e região; (18) Quantidade de participantes; (19) Categoria profissional; (20) Condição socioeconômica; (21) Gênero dos participantes e (22) Faixa etária.

Figura 1

Fluxograma de seleção de artigos sobre a temática sentido do trabalho e juventude.



Resultados e discussão

Os resultados da revisão mostraram que a maior parte dos estudos foi realizada no Brasil (8 artigos - 72%), enquanto Argentina, Chile e Estados Unidos representam um artigo cada. Quanto ao ano de publicação, cinco estudos foram publicados no período de 2013 a 2019, enquanto seis estudos foram publicados nos últimos anos, de 2020 a 2023. Referente à formação dos autores, seis são mestres, doutores ou pós-doutores em Psicologia, três são mestres ou doutores em Administração, uma é socióloga e uma doutora em Educação.

Quanto ao método adotado nos estudos (Tabela 1), observou-se que todos seguiram delineamento de caráter exploratório, o que pode evidenciar as lacunas para delimitar a identidade do significado do trabalho (Rosso et al., 2010). Apenas um estudo apresentou método quantitativo, dois apresentaram métodos mistos e oito estudos são qualitativos. Isso corrobora o achado de Bendassoli et al. (2015), em que a maioria dos estudos referentes a sentidos e significados do trabalho tem caráter qualitativo. Destaca-se que dois estudos (18%) apresentaram instrumentos combinados (questionário padronizado e entrevista), assim como análises de conteúdo mistas. Considerou-se o estudo como qualitativo quando os autores utilizaram unicamente entrevistas como instrumentos de coleta e realizaram a análise de dados mediante análise de conteúdo qualitativa ou similares, como análise discursiva ou temática (Bendassoli et al., 2015).

Tabela 1

Aspectos metodológicos dos artigos selecionados.

	<i>f</i> (%)
Abordagem ou natureza do estudo	
Qualitativo	8 (72%)
Quantitativo	1 (9%)
Misto	2 (18%)
Instrumento de coleta de dados	
Entrevistas	9 (81%)
Semi-estruturada	7 (49%)

Aberta	1 (9%)
Não indicado	1 (9%)
Escalas	1 (9%)
Questionários padronizados	3 (27%)
Procedimentos de análise de dados	
Análise de conteúdo mista	2 (18%)
Análise de frequência e análises bivariadas	1 (9%)
Análise de conteúdo qualitativa	4 (36%)
Análise temática	3 (27%)
Análise de conteúdo e discursiva	1 (9%)

Os artigos também apresentaram temáticas centrais variadas. Quatro tiveram como temática principal unicamente o sentido do trabalho, dois buscaram compreender a trajetória profissional e o sentido do trabalho, dois apresentaram como tema somente a trajetória profissional, enquanto a relação entre sentido e busca de emprego, trabalho e coronavírus e concepção de trabalho decente foram temas de um artigo cada. Mesmo que a temática central não fosse unicamente sentido do trabalho para a maioria dos artigos (sete estudos), foi uma categoria que emergiu entre relações com outras variáveis ou nas narrativas dos participantes de cada pesquisa.

Quanto aos periódicos de publicação, dois artigos foram veiculados na Revista Gestão Organizacional [RGO], enquanto os periódicos Revista Psicologia Organizações e Trabalho, *Avances en Psicología Latinoamericana*, *Emerging Adulthood*, Psicologia: Ciência e Profissão, Estudos em Pesquisa em Psicologia, Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, Última Década, Pro-posições e *Psychiatric Rehabilitation Journal* apresentaram uma publicação cada.

A categorização dos participantes dos estudos foi consideravelmente diversa (Tabela 2). Todos tiveram sua amostra composta por homens e mulheres, entretanto as faixas etárias tiveram bastante variação. Quatro estudos incluíram jovens menores de idade em sua amostra e sete consideraram apenas adultos jovens. A maioria dos estudos (seis) utilizaram amostras com

diferentes níveis socioeconômicos, quatro tiveram sua amostra composta exclusivamente por jovens com nível socioeconômico baixo e somente um com jovens de nível médio-alto. Quanto aos que apresentaram jovens de diferentes níveis socioeconômicos, apenas dois fizeram comparações e distinções precisas entre a temática pesquisada e os níveis socioeconômicos diferentes, outros dois apresentaram distinções pouco estabelecidas e os dois restantes não citam essas diferenças em seus textos. Seis estudos apresentaram categorias profissionais diversas entre a amostra, um tratava especificamente sobre docentes, um sobre jovens que nem trabalham e nem estudam, um sobre Jovens Aprendizes, um sobre *trainees* e colaboradores de um empreendimento solidário e um não especificou seus participantes quanto à atividade.

Tabela 2

Características dos participantes dos estudos.

Título	Nº amostra	Faixa etária	Categoria profissional	NSE
O significado do trabalho na visão de jovens brasileiros: uma análise de palavras análogas e opostas ao termo "trabalho".	7.425	14-24	Diversas	Baixo
Significado do trabalho e busca de emprego para jovens nem-nem.	224	18-24	Nem trabalha e nem estuda	Variado
Entre os sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes.	25	18-29	Diversas	Variado
O significado do trabalho para jovens aprendizes.	50	15-19	Jovens aprendizes	Variado
Decent Work: Representations and Prospects of Work Among Vulnerable Young Argentine Workers.	10	20-25	Diversas	Baixo

Vivências de Trabalho Precoce de Adolescentes em Medida Socioeducativa.	55	14-20	Diversas	Baixo
Compreensão de Trabalho Decente entre Jovens com Baixa Qualificação.	20	20-25	Metade em trabalhos formais e metade em trabalhos informais	Baixo
Sentidos do trabalho para jovens de um empreendimento solidário e para trainees.	8	20-24	Trainees de uma grande empresa; trabalhadores de um empreendimento solidário	Entre médio e alto
Trabajos entre crisis: aproximaciones a las experiencias de jóvenes en Chile.	6	17- 24	Diversas	Variado
Trajetórias profissionais de jovens professoras e professores.	12	20-29	Professores - cinco do setor público e sete do setor privado	Variado
The meaning of work for young adults diagnosed with serious mental health conditions.	57	18-30	Não especificado	Variado

Os sentidos do trabalho para as juventudes apresentaram, como esperado, resultados heterogêneos e marcados por sentidos individuais e coletivos de cada grupo pesquisado. De qualquer maneira, como principais resultados (Tabela 3), constatou-se que o sentido do trabalho foi associado à recompensa financeira, desenvolvimento pessoal, sobrevivência, independência, valorização/status social, questões identitárias, relações interpessoais e sentimentos de prazer. Juventudes com NSE alto buscam maior independência e não atribuem tanta centralidade à família, diferente dos jovens com NSE baixo, os quais muitas vezes por uma questão de sobrevivência e dependência, atribuem a família um lugar de centralidade mais importante do que ao trabalho. Também percebeu-se vivências conflituosas entre trabalho e educação, principalmente para jovens

que trabalham e estudam. Ao mesmo tempo em que o estudo é concebido como oportunidade de melhorar suas condições financeiras e de trabalho, também é difícil conciliar a rotina laboral com a educacional. Tornando-se necessário, portanto, optar por trabalhos não qualificados para conseguir prover a si e a sua família.

Tabela 3

Panorama dos principais resultados.

Título	Ano	Autores	Principais resultados
O significado do trabalho na visão de jovens brasileiros: uma análise de palavras análogas e opostas ao termo "trabalho".	2014	Dutra-Thomé & Koller.	Predominância de uma visão moralista e mercadológica de trabalho, sobre uma perspectiva da atividade laboral enquanto fonte de desenvolvimento e crescimento pessoal. Essa visão pode minimizar os efeitos negativos do trabalho sobre o indivíduo e fragilizar a concepção do trabalho infanto-juvenil protegido.
Significado do trabalho e busca de emprego para jovens nem-nem.	2018	Paulino & Bendassolli.	Jovens que atribuíram ao trabalho uma conotação negativa, se envolveram menos em comportamentos de busca de emprego; Família como dimensão mais importante (centralidade relativa); Jovens de famílias que concentravam os menores rendimentos e aqueles com menor nível de escolaridade atribuíram uma conotação mais positiva ao trabalho; jovens que concentraram os melhores rendimentos e possuíam os maiores níveis de escolaridade relataram maior utilização de estratégias de busca de emprego.
Entre os sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes	2020	Costa, Marques & Ferreira.	Predominância do sentido de atividade remunerada. No que se refere às organizações do trabalho, o prazer envolve as relações socioprofissionais, condições de trabalho, realização profissional e liberdade de expressão. Por sua vez, o sofrimento está associado às relações socioprofissionais, bem como as condições de trabalho, falta de reconhecimento e exigências físicas, como ficar em pé por muito tempo e realizar atividades que demandam esforço físico demais, e psicológicas, como ser submetido a constrangimentos e ter controle das emoções.

O significado do trabalho para jovens aprendizes.	2019	Graebin, Matte, Larentis, Motta & Olea.	A construção do significado do trabalho envolve experiência, conhecimento, dinheiro e realização. Fatores de criatividade, como autonomia, liberdade de trabalho, flexibilidade e reconhecimento não se mostraram relevantes, indicando que, mais importante do que o ambiente de trabalho em si é o que ele proporciona como fator social.
Decent Work: Representations and Prospects of Work Among Vulnerable Young Argentine Workers.	2022	Aiesenson, Legaspi, Czerniuk, Valenzuela, Miguelez & Virgili.	Os principais resultados mostram que (1) há aceitação e resignação em relação a condições de trabalho altamente precárias devido ao contexto geral instável e à falta de emprego de qualidade, (2) existe uma distinção entre trabalho e interesses pessoais, e (3) as perspectivas futuras são apresentadas como uma "encruzilhada" entre suas expectativas e as opções disponíveis. Isso afeta os significados do trabalho, do futuro, influenciando o bem-estar e a construção de identidade.
Vivências de Trabalho Precoce de Adolescentes em Medida Socioeducativa.	2023	Alberto, Mello, Cruz, Muniz & Costa.	As vivências e situações sociais de desenvolvimento foram caracterizadas pelo trabalho precoce que oportunizou o envolvimento com atos infracionais e as instituições responsáveis pela garantia de direitos em vez de garantir a proteção social, criminalizaram por meio de medidas socioeducativas. Emergiram dois elementos significativos para o trabalho: valor moral e valor de uso. Quanto ao valor moral, se refere a um julgamento entre o que é certo e o que é errado. O que vem do trabalho lícito é apresentado como dinheiro “suado”, o que advém do tráfico ou de outras estratégias de sobrevivência, como o furto ou o roubo é nominado dinheiro “sujo/fácil”. O valor de uso refere-se ao trabalho como forma de obter os recursos para garantir as necessidades pessoais e da família.
Compreensão de Trabalho Decente entre Jovens com Baixa Qualificação.	2021	Ribeiro, Costa & Gonçalves.	O trabalho realizado pelos/as participantes não era um trabalho decente, não seria estruturante da vida, e que atenderia às necessidades de sobrevivência, mas impediria a autodeterminação. Para jovens de baixa qualificação, as atividades de trabalhar têm como principal propósito ganhar dinheiro e ser valorizado/a e reconhecido/a socialmente

Sentidos do trabalho para jovens de um empreendimento solidário e para trainees.	2014	Bitencourt, Onuma, Piccinini, Moreira & Severo.	O sentido do trabalho está ligado às questões como classe social e grau de escolaridade. O contrato de trabalho também pode ser uma variável na atribuição de sentido do trabalho. Os jovens trabalhadores da organização autogestionária tenderam a atribuir maior sentido de subsistência ao trabalho. A atribuição de sentido do trabalho articulado a valores morais se mostrou também predominante entre os jovens trabalhadores de empreendimento solidário em relação aos trainees. Para os jovens trainees as respostas foram mais relacionadas à busca pelo prazer e pela satisfação no trabalho
Trabajos entre crisis: aproximaciones a las experiencias de jóvenes en Chile.	2021	Latife, Valdebenito, Pavez, Yáñez, Núñez & Concha.	As percepções mais comuns foram a busca de independência em relação à família, os diferentes significados do trabalho em jovens e a emergência do trabalho doméstico como uma realidade que também se intensificou no caso das mulheres jovens
Trajetórias profissionais de jovens professoras e professores.	2023	Zan & Souza	O trabalho docente não é sobrevivência; para além dessa dimensão, ele se transforma e transforma o estudante pelo trabalho Observamos também que, embora as condições e a organização do trabalho docente sejam precárias – o que é expresso principalmente em baixos salários –, elas não se materializam em professores desinteressados e desprovidos de responsabilidade. Há relações conflituosas com a docência na busca de reconhecimento social, que se concretiza em condições de trabalho e salário digno.
The meaning of work for young adults diagnosed with serious mental health conditions.	2018	Stone, Sabella, Lidz, McKay, & Smith	Jovens adultos com diagnósticos psiquiátricos trabalham em busca da independência financeira de suas famílias, mas também pela oportunidade de envolvimento social e a sensação de contribuir para a sociedade como um todo. Para alguns jovens adultos, o trabalho proporciona a oportunidade de aumentar a autoestima, a autoconfiança e uma imagem positiva de si mesmos. Para jovens adultos latinos, o trabalho representa uma maneira de lidar com o seu diagnóstico.

Condições e Estrutura do Trabalho Atual

A construção dos sentidos do trabalho é afetada pelas condições de trabalho, pelos aspectos contratuais e pela maneira como é gerenciado (Borges & Barros, 2015). As condições de trabalho representadas nos estudos, em geral, indicaram uma situação de precariedade. Isso pode se dar ao fato de que a maioria dos estudos que descreveu com maior precisão as condições de organização e estruturação do trabalho são com amostras de nível socioeconômico baixo e/ou em situações de empregos não qualificados (por exemplo, Aiesenson et al., 2022 e Alberto et al., 2023). Ademais, 10 dos 11 estudos foram realizados junto a populações da América Latina, que apresenta um contexto sociocultural marcado pela precarização do trabalho de modo geral (Borges et al., 2022)

Os modelos de trabalho precarizados para os jovens argentinos seguem o modelo de acumulação flexível, marcados principalmente por contratos alternativos (Aiesenson et al., 2022). Em estudo com jovens brasileiros, Costa et al. (2020) e Ribeiro et al. (2021) mostraram que, mesmo quando se dá ocupação do mercado de trabalho formal, diminuindo a vulnerabilidade e a precariedade, isso não necessariamente representa segurança de funções mais qualificadas. Apesar de uma situação de maior vulnerabilidade como a da Argentina representar uma instabilidade maior, percebem-se algumas semelhanças entre os três estudos: (1) separação do trabalho intelectual e operacional, subutilizando a criatividade e autonomia dos trabalhadores (Dejours, 2003); (2) remuneração baixa; e (3) postura de passividade ou necessidade de “ajustamento” de personalidade moldando-a para mais submissa. Esses aspectos se relacionam intimamente com o que foi proposto por Hopenhayn (2001) sobre a coisificação do ser humano no período do taylorismo/fordismo, pois os trabalhadores deveriam acomodar sua personalidade, já que seu ganho salarial dependia do seu salário. Ou seja, apesar de no contemporâneo o modelo de contratação seguir padrões toyotistas, constataram-se indícios de que a estrutura do trabalho ainda se assemelha ao taylorismo/fordismo.

A configuração do trabalho infantil também foi retratada na pesquisa de Alberto et al. (2023) com jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas. O trabalho infanto-juvenil é uma

realidade para essa população, que descreveram que desde muito cedo já se envolviam em jornadas extensas de trabalho e comumente trabalhavam com tráfico de drogas. São vivências marcadas por uma exposição precoce a violências e afastamento da família e da escola. O uso da metáfora “vivendo dia a dia” define a situação dos jovens em maior vulnerabilidade, pois as longas jornadas e a baixa remuneração não permitem seu desenvolvimento pessoal, nem renda para alcançar seus planos pessoais (Aiesenson et al., 2020; Ribeiro et al., 2021). Jovens com baixa qualificação ratificam esse resultado, afirmando que seu trabalho não representa um trabalho decente, não é estruturante e inclusive é um esforço que impede a vida (Ribeiro et al., 2021).

Paulino e Bendassoli (2018) evidenciaram como essas experiências profissionais podem afetar a percepção que os jovens têm sobre o trabalho. No seu estudo, os jovens investigados tinham vivido situações de exploração e pouco reconhecimento em suas atividades laborais e os resultados mostram que há conotação negativa relacionada ao trabalho. Portanto, experiências de maior precarização podem levar os jovens a não conseguir ter mais percepções positivas sobre o trabalho. A estrutura disponibilizada pelas organizações influencia os sentidos atribuídos ao trabalho (Morin, 2001). Para os jovens *trainees* de uma grande empresa, a sensação de liberdade, confiança e autonomia dentro da empresa, trazem sentidos positivos atribuídos ao trabalho (Bitencourt et al., 2014). Graebin et al. (2019), em sua investigação com jovens aprendizes, mostrou que eles têm prazer nas práticas da rotina do trabalho, estão satisfeitos com a empresa e sentem que possuem oportunidade de crescimento. Nesse sentido, é importante evidenciar, também, a dualidade proteção social *versus* falta de proteção social (Ribeiro et al., 2021). Dutra-Thomé e Koller (2014) identificaram em seu estudo a categoria “Carteira assinada” como a quarta mais associada a trabalho. A garantia de proteção social, também podendo ser expressada pela carteira assinada, parece trazer sentimentos mais positivos em relação ao trabalho.

Os jovens chilenos investigados por Latife et al. (2021) apontaram que o contexto pandêmico influenciou mudanças para o objetivo de obter carteira assinada e a ideia de estabilidade. A crise sanitária parece ter intensificado ainda mais a busca pela flexibilidade (Latife et al., 2021).

A partir destes achados, retoma-se a ideia de Harvey (1992), de que apesar de muitas vezes um contrato mais flexível ser o desejo do sujeito, é prejudicial porque não garante proteção nem benefícios, além de uma desfragmentação da classe trabalhadora, contribuindo para o sistema capitalista. Latife et al. (2021) também trazem uma reflexão importante sobre trabalho presencial e espaço individual em casa. É conhecido que a pandemia do coronavírus intensificou amplamente o modelo de *home office*, interferindo nas fronteiras entre trabalho presencial, lado a lado com pessoas, e trabalho fisicamente isolado.

Sentidos do Trabalho

Relacionamentos Versus Isolamento

O relacionamento interpessoal saudável é protetivo e fonte de prazer no trabalho (Dario & Lourenço, 2018). Entretanto, quando as relações são superficiais e descartáveis (o que comumente ocorre em contextos de precarização) podem gerar ansiedade, insegurança e vulnerabilidade (Medeiros et al., 2022). Em um estudo com jovens trabalhadores-estudantes, a dimensão positiva das relações é ressaltada, falam de como as interações com os colegas são capazes de trazer prazer (Costa et al., 2020). Em contrapartida, de maneira não convencional, o fator isolamento associa-se ao prazer no trabalho, o que Costa et al. (2020) supõem que possa ser uma falta de identificação com a atividade laboral. Entretanto, Latife et al. (2021) também apresentam esse resultado para jovens chilenos. Durante a pandemia, buscavam-se espaços próprios para trabalho em casa em busca de menos conflitos e um ambiente mais harmonioso (Latife et al., 2021). Ribeiro et al. (2021) também trouxeram a interação social como um dos motivos que mais agradam os jovens em relação à atividade de trabalho ao mesmo tempo, relataram que aprender a lidar com pessoas é um grande desafio.

O estímulo à individualização é uma das características do capitalismo neoliberal e pode ser um dos fatores que influencia nesse aspecto (Linhart, 2014). Ademais, também se destacam os impactos, ainda pouco conhecidos, da Covid-19 no trabalho e nas relações sociais. Nesse sentido, é interessante observar que essa dualidade isolamento *versus* interação social no trabalho não aparece

nos estudos selecionados antes de 2021 (Bitencourt et al., 2014; Costa et al., 2020; Dutra-Thomé & Koller, 2014; Paulino & Bendassoli, 2018). Inclusive, Graebin et al. (2019) afirmam que a vida social gera significado para a concepção de um futuro positivo e que o trabalho em si, além da remuneração que oferece, oportuniza aos jovens conhecer pessoas novas. Stone et al. (2018), seguindo o mesmo raciocínio, mostraram que o sentido do trabalho está muito relacionado às funções sociais e que os adultos jovens conferem ao período de isolamento após ensino médio uma conotação negativa.

Dinheiro Versus Lazer

O dinheiro é “representação suprema do poder social na sociedade capitalista” (Harvey, 1992, p.100). Todos os estudos investigados trazem alguma relação do trabalho com o dinheiro, seja o dinheiro como único ou um dos principais motivos para se trabalhar (Aiesenson et al., 2022; Alberto et al., 2023; Costa et al., 2020; Dutra-Thomé & Koller, 2014; Graebin et al., 2019; Ribeiro et al., 2021; Stone et al., 2018), seja como indicação de que a remuneração não é mais um fator tão central para o trabalho (Bitencourt et al., 2014; Latife et al. 2021;), seja a maneira pela qual se percorre a trajetória profissional em busca de melhor remuneração (Zan & Souza, 2023). Mota e Tonelli (2013) já haviam destacado que o trabalho para os jovens é um meio de se obter dinheiro e poder adquirir bens de consumo ou auxiliar sua família. Entretanto, colocar o trabalho como um simples meio para alcançar um fim seria mascarar o papel central do trabalho na sociedade e invisibilizar as dinâmicas que se traçam por detrás desse sentimento em comum entre os jovens (Gill, 1999; Morse & Weiss, 1955).

O estudo com jovens professores de Zan e Souza (2023) se destacou como um dos estudos que estabeleceu menor relação entre trabalho e dinheiro. Para os participantes, o trabalho docente é marcado pela possibilidade de produzir mudanças sociais, mas para muitos ainda é a possibilidade concreta de estabilidade e garante a sobrevivência material. Ainda, ao apresentar e diferenciar as condições do trabalho para professores de escolas públicas e particulares, concluiu que a precariedade não elimina as motivações e interesses de ser docente. Nesse caso, o reconhecimento

social aparece como fator mais relevante. Esse resultado se relaciona com os achados de Bitencourt et al. (2014) que para jovens trabalhadores de um empreendimento solidário, mas principalmente para *trainees* de uma grande empresa com nível socioeconômico mais alto, o trabalho não é atrelado ao emprego - sendo uma maneira de ser bem sucedido, de ter realização e prazer.

Alberto et al. (2023), em sua investigação com jovens que cumpriram medida socioeducativa, o reconhecimento que sentem, muitas vezes, é somente alcançado por meio do dinheiro que permite a compra de bens de consumo em geral inacessíveis a sua realidade econômica e que são símbolos de outra classe social. Esses achados corroboram com o trazido por Mota e Tonelli (2013), de que o trabalho para jovens de NSE baixo permite renda e acesso ao consumo. Mas, para além disso, as ideias de esforço, sobrevivência e mobilização de recursos são sobressalentes em estudos que tratam de jovens adultos com nível socioeconômico baixo. Aiesenson et al. (2022), representando o escopo de escolha de jovens argentinos que estão vivenciando uma grave crise econômica, mostram que os jovens que auxiliam sua família se vêem sem escolha, aceitam qualquer emprego, porque, para eles, trabalho é necessário para a sobrevivência e é percebido como escasso. Da mesma maneira, na pesquisa de Ribeiro et al. (2021), a primeira categoria que emerge a partir da definição de trabalhar para jovens de baixa qualificação é “esforço que impede a vida” e serve somente como um meio para cumprir o fim de ajudar com o sustento da família.

Há uma urgência para os jovens em ter autonomia para sair de casa e poder custear-se por meio da própria renda (Aiesenson et al., 2022; Latife et al., 2021). Entretanto, isso não é uma realidade para muitos jovens latinoamericanos, principalmente de nível socioeconômico baixo (Galambos & Martinez, 2007). O trabalho como fonte de prazer também não parece uma realidade palpável para o grupo de jovens argentinos (Aiesenson et al., 2022). Há uma separação significativa entre atividades que são prazerosas e atividades laborais. Sendo que a possibilidade de vivenciar prazer, muitas vezes, encontra-se também no retorno financeiro, já que o dinheiro permite que eles desenvolvam *hobbies* ou façam atividades de lazer (Aiesenson et al., 2022; Costa et al., 2020). O

escopo de possibilidades parece afetar diretamente na atribuição do sentido de prazer no trabalho, levando o “dinheiro” a ter essa concepção mais próxima, como algo que permite ter vivências prazerosas.

A ideia de subsistência também se relaciona com o valor moral do trabalho. Dutra-Thomé e Koller (2014) mostraram que as palavras “preguiça”, “vadiar/vagabundo” e “irresponsabilidade” foram registradas como opostas a “trabalho”. Sendo “preguiça” a mais comumente associada. Alberto et al. (2023) evidenciam essa realidade ao mostrar a centralidade financeira para adolescentes em medida socioeducativa e a distinção que fazem entre “trabalho limpo” que gera dinheiro “suado” e “trabalho sujo” que gera dinheiro “sujo/fácil”. Ou seja, há uma correlação com os achados de Dutra-Thomé e Koller (2014), no sentido em que se o dinheiro é “fácil” pode possuir um sentido de que foi fácil de obter, não demandou esforço, ao contrário do dinheiro “suado”. Nesse sentido, Dutra-Thomé e Koller (2014) afirmam ainda que ao considerar a não entrada no mercado formal de trabalho como falta de esforço ou preguiça, ignora-se um contexto de diversos problemas estruturais que afetam a juventude. Por outro lado, a necessidade de dinheiro para sobreviver é uma realidade em uma sociedade capitalista.

Estabelecendo uma comparação com os jovens estadunidenses do estudo de Stone et al. (2018), o sentido atribuído ao trabalho mais comum foi a independência financeira e o segundo foi sentir-se importante e possuir senso de propósito. Outro aspecto relevante desse estudo, ainda, foi a comparação entre jovens hispânicos e não-hispânicos brancos. Para os jovens hispânicos, o trabalho foi recurso de ajuda na superação do seu diagnóstico de saúde mental e isso pode se relacionar também possuir recursos financeiros para auxiliar sua família e diminuir estressores na vida familiar (Stone et al., 2018). Entretanto, esse ponto não foi apresentado somente pelo estudo norte-americano, mas também em estudos com jovens de níveis socioeconômicos mais elevados ou com trabalhos mais significativos para os sujeitos investigados.

Como apontado anteriormente, Bitencourt et al. (2014) mostram que para os jovens *trainees* o trabalho está mais relacionado à realização pessoal e ao prazer. Mas, além disso, há uma

descentralização da remuneração, o trabalho perpassa a questão do emprego - sendo este último dispensável se não corresponder mais às suas expectativas (Bitencourt et al., 2014). Essa relação entre trabalho e dinheiro também foi percebida nos jovens atuantes na economia solidária, apesar de ter uma diferença, já que os entrevistados da empresa autogestionária relacionam o trabalho à subsistência (Bitencourt et al., 2014). Entretanto, não associam o dinheiro como único fim do trabalho, conseguindo atribuir outros sentidos como realização pessoal, maturidade e sociabilidade (Bitencourt et al., 2014). Graebin et al. (2019) também demonstraram esse resultado de que a maioria dos sujeitos entrevistados relaciona o trabalho a dinheiro, porém acrescentam outros aspectos, como realização pessoal, independência e crescimento.

Identidade e Autoestima

A ideia da construção de identidade no trabalho parece estar conectada às palavras “vida” e “essencial” (Dutra-Thomé & Koller, 2014). Para jovens aprendizes, o trabalho os ajuda a guiar melhor seus passos e contribuir para ter mais responsabilidade/amadurecimento (Graebin et al., 2019). Além disso, oportuniza uma melhor vida social, gerando um maior sentimento de importância e de autoestima (Graebin et al., 2019). Bitencourt et al. (2014), ao encontro aos resultados do Graebin, mostram através dos relatos de dois membros da organização autogestionária que o trabalho é percebido como “a estrutura do homem” oferecendo oportunidades para dar sentido à uma identidade e fornecer um resgate da autoestima. Antunes (2000) refere que a vida para além do trabalho é influenciada pelo trabalho e, portanto, um trabalho autodeterminado favorece uma vida com mais sentido. Para além disso, vivências em trabalhos decentes ajudam na determinação da identidade, enquanto empregos instáveis limitariam o alcance da moratória psicossocial (Erikson, 1968; Aiesenson et al., 2022).

Esse conceito parece estar também relacionado com a questão das possibilidades. Jovens que conseguem exercer atividades profissionais alinhadas a valores pessoais conseguem atingir um processo de independência maior do seu sistema familiar e de diferenciação em suas funções (Latife et al., 2021). Essa diferenciação permite ir em busca do que representa o “eu” (Bowen et al., 1991).

A questão identitária parece ser ainda mais presente para jovens com diagnóstico de saúde mental, já que possuir um emprego significa aumento na autoestima e autoconfiança, pois conseguem mostrar para a sociedade que são capazes de se inserir em um trabalho (Stone et al., 2018)

Relação do Trabalho com a Família e com a Escola

O nível socioeconômico das famílias influencia a busca mais precoce para a entrada no mercado de trabalho (Morin, 2001). Bitencourt et al. (2014) ratificam esse fato, mostrando que para jovens da empresa autogestionada, o sentido de subsistência ao trabalho colabora para o entendimento de que foram influenciados a buscarem oportunidades de trabalho desde cedo. Paulino e Bendassoli (2018) mostram que a família ocupa a dimensão mais importante em comparação a centralidade relativa do trabalho para jovens brasileiros que nem trabalham e nem estudam, ainda apontam que o trabalho é uma forma de prover financeiramente a família, gerando vínculos mais próximos. Graebin et al. (2019) também mostram que para jovens aprendizes o trabalho significa ter uma melhora no relacionamento com os pais e uma melhor autoestima junto à família, já que passa a ocupar uma posição de provedor de renda e os pais demonstram orgulho do filho que trabalha.

Há evidências de que jovens latino-americanos têm a família como um dos seus valores principais e a posicionam como um lugar de afeto, confiança e apoio (Galambos & Martinez, 2007). Entretanto, para os jovens *trainees* a família foi um aspecto pouco citado, sendo o trabalho algo mais representativo no momento de vida atual (Bitencourt et al., 2014). Essa característica se relaciona à questão do autofoco da adultez emergente, sendo possível concluir, portanto, que possivelmente sua condição socioeconômica mais elevada permite ter um contexto semelhante a esse grupo de jovens e desenvolver as características referentes a essa nova etapa do desenvolvimento. Todavia, muitas vezes há conflitos geracionais entre pais e filhos devido a valores diferentes relacionados ao trabalho (Canales et al., 2021). Latife et al. (2021) mostram que para jovens chilenos essa tensão realmente acontece, já que os pais gostariam que seus filhos fossem em

busca de trabalhos que permitissem estabilidade e recompensa financeira. Enquanto que os jovens buscam auto realização pessoal (Latife et al. 2021).

Quanto à relação trabalho-escola, há uma dicotomia muito evidente no estudo de Costa et al. (2020) com jovens trabalhadores-estudantes. Ao mesmo tempo em que trabalhar é muitas vezes essencial para prover a família e ocupa lugar de destaque, a educação também é vista como maneira de obter trabalhos mais qualificados e melhores oportunidades. Ou seja, vêem o estudo como um investimento para melhores condições de trabalho ao mesmo tempo em que por necessidades financeiras muitas vezes priorizam o trabalho (Antunes & Alves, 2004; Costa et al., 2020). Há uma disputa entre a necessidade de estudar e de trabalhar (Costa et al., 2020).

O estudo com jovens em medida socioeducativa reforça enfaticamente essa ideia. Como alguns assumiram atividades laborais muito cedo, foi muito difícil fazer a conciliação entre trabalho e escola, o que acabou culminando na evasão escolar (Alberto et al., 2023). Esse é um dos problemas centrais do trabalho precoce, o qual afasta as crianças e adolescentes da escola, gerando muitas vezes a evasão escolar e impedindo o rompimento do ciclo da pobreza, já que há a falta de qualificação para oportunidades melhores de emprego (Alberto et al., 2023). O estudo de Ribeiro et al. (2021) também aponta que, para os jovens, ganhar dinheiro seria o principal motivo para abandonar a escola, apesar de acreditarem no desenvolvimento educacional como essencial para ter melhores chances de carreira. Além disso, jovens com menor nível de escolaridade buscam menos empregos do que jovens com maior nível, pois tem a percepção de que não são qualificados o suficiente (Paulino & Bendassolli, 2018). Portanto, a conclusão do ensino médio é importante para a obtenção de empregos mais qualificados e ter melhores projetos de futuro no âmbito profissional (Oliveira, 2018).

Perspectivas Futuras

No caso do grupo de jovens argentinos, em situação de vulnerabilidade, há a esperança de conseguir um emprego melhor, com salário mais alto e crescimento, mas também há um medo de decepcionar-se (Aiesenson et al., 2023). Silva (2016) aponta que pessoas em situações mais

precárias sentem esperança e incerteza, já que esperam conseguir oportunidades melhores, ao mesmo tempo em que sofrem fracassos repetidos e tem uma relação instável com o mercado de trabalho. Aiesenson et al. (2023) ainda afirmam que a desconexão entre experiências de trabalho atuais e expectativas de futuro dificulta o desenvolvimento de uma identidade significativa. Segundo Graebin et al. (2019), por outro lado, para jovens aprendizes há um otimismo com o trabalho no futuro, relacionando-o com a conquista de seus desejos e sonhos. O principal desejo dos jovens aprendizes é trabalhar com aquilo que gosta (Graebin et al., 2019). Zan e Souza (2023) aponta que os professores também buscam melhores salários e reconhecimento social para o futuro da sua trajetória, porém se conectam com um outro sentido que deriva do seu trabalho, que é o aprendizado dos estudantes.

Dessa forma, percebe-se que os projetos de futuro das juventudes estão atrelados às condições de trabalho atuais e nos sentidos atribuídos a eles. Parece que jovens em situação mais vulnerável e precária, que associam o trabalho muitas vezes unicamente ao dinheiro, buscam somente estabilidade e maior recompensa financeira. Enquanto jovens que têm suas primeiras experiências em empregos mais estáveis, que estabeleceram sentidos para além da renda com o trabalho, buscam maior realização e prazer no futuro das suas atividades laborais.

Considerações Finais

Este estudo realizou uma revisão integrativa com o objetivo de identificar como os jovens do continente americano na faixa etária dos 14-30 anos concebem o sentido do trabalho em pesquisas científicas. Também visava perceber se havia diferenças entre os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens de diferentes níveis socioeconômicos e de diferentes países.

Apesar de o objetivo inicial direcionar-se à questão dos sentidos, a partir dos artigos analisados, viu-se necessidade de explicar sobre as condições de trabalho atual, a relação do trabalho com a escola e com a família e projeções profissionais futuras. Entendeu-se que são conceitos intimamente relacionados à atribuição de sentidos. Quanto à estrutura do trabalho atual, é possível afirmar que predominam contratos de trabalho decorrentes do modelo de acumulação

flexível, apesar de jovens em situação de maior vulnerabilidade ainda apresentarem algumas características relevantes do modelo taylorista/fordista. Quanto à relação do trabalho com a escola e a família, percebe-se que obter maior escolarização é a possibilidade para trabalhos mais qualificados, ao mesmo tempo em que jovens que precisam ajudar a família financeiramente entram em um conflito escola-trabalho, por vezes tendo que optar pelo trabalho por questões de sobrevivência. Em relação às projeções profissionais futuras, nota-se que as experiências de trabalho atual e os sentidos atribuídos influenciam diretamente na esperança de empregos melhores. Jovens que têm condições melhores e sentimentos mais positivos atrelados ao trabalho têm mais otimismo para o futuro da sua trajetória profissional.

Apesar de haver heterogeneidade de sentidos atribuídos ao trabalho, é possível afirmar que os grupos de diferentes profissões, categorias profissionais e níveis socioeconômicos se diferenciam também (senão principalmente) pela importância que dão a cada construto. Enquanto jovens de menor nível socioeconômico e em situações mais precárias de trabalho tem o dinheiro como principal, e às vezes único sentido atribuído ao trabalho, quem possui maior nível socioeconômico consegue associar lazer e realização muitas vezes como mais importante, apesar de traçarem um paralelo que a remuneração também é importante para terem esses momentos de felicidade. O trabalho como identidade e possibilidade de autoestima está mais relacionado a grupos com maior nível socioeconômico. Também foi possível trazer uma breve reflexão sobre o impacto da Covid-19 no valor de interações sociais relacionadas ao trabalho, mostrando que talvez os jovens valorizem mais o isolamento devido às novas organizações do trabalho pós-pandemia.

Apesar dos resultados trazerem aspectos interessantes e gerais para a compreensão do tema, é importante levantar algumas limitações. A maioria dos estudos foi realizada no Brasil (76%), enquanto Argentina, Chile e Estados Unidos representaram 9% das publicações cada, com um estudo. Dessa forma, os resultados aqui apresentados estão mais relacionados à realidade brasileira especificamente do que para todo o continente americano. Além disso, os poucos artigos encontrados publicados na América do Norte podem se relacionar com a não utilização do termo

“meaningful work” na pesquisa. Somente após o levantamento de artigos nas bases de dados, viu-se o apontamento de Bendassoli et al. (2015) que autores de língua inglesa têm preferido utilizar esta nomenclatura em seus estudos de sentido do trabalho. Por fim, aqui também só considerou o trabalho como emprego, ou seja, como atividade remunerada.

De maneira geral, percebe-se que todos os estudos apresentaram amostras mistas de gênero e ainda sabe-se pouco sobre o impacto da Covid-19 na estruturação e nos sentidos atribuídos ao trabalho. Sugere-se, portanto, que os próximos trabalhos explorem mais a atribuição de sentidos de jovens para trabalhos não remunerados, como, por exemplo, o trabalho doméstico. Além disso, investiguem melhor questões de gênero, mostrando diferenças na atribuição de sentidos para homens e mulheres jovens e, também, como a crise sócio-sanitária pode ter mudado os valores relacionados ao trabalho.

Referências

- Aisenson, G., Legaspi, L., Czerniuk, R., Valenzuela, V., Miguelez, V. V., & Virgili, N. (2022). Decent Work: Representations and Prospects of Work Among Vulnerable Young Argentine Workers. *Emerging Adulthood*, 10(1), 42-53. <https://doi.org/10.1177/2167696820967231>
- Alberto, M. de F. P., Mello, M. A. de ., Cruz, F. H. P., Muniz, A. S., & Costa, C. S. da S. (2023). Vivências de Trabalho Precoce de Adolescentes em Medida Socioeducativa . *Psicologia: Ciência E Profissão*, 43(e252476), 1-14.. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252476>
- Antunes, R. (2000) *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Cortez Editora.
- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2a ed.). Boitempo.
- Antunes, R. (2011). Trabalho uno ou omni: entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. *Argumentum*, 2(2), 9–15. <https://doi.org/10.18315/argumentum.v2i2.941>
- Arnett, J. J. (2011). Emerging adulthood(s): the cultural psychology of a new life stage. In J. A. Lene (Ed.), *Bridging cultural and developmental approaches to psychology: new synthesis in theory, research, and theory* (pp. 255-275). Oxford University Press.
- Bendassolli, P. F., Coelho-Lima, F., Araujo, R. de & Carvalho, P. (2015). The Brazilian scientific production on sense and meaning of work: Review of terminological use and current thematic classifications. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(2), 203-221. [dx.doi.org/10.12804/apl33.02.2015.03](https://doi.org/10.12804/apl33.02.2015.03).
- Bitencourt, B. M., Onuma, F. M. S., Piccinini, V. C., Moreira, L. B., & Severo, R. B. (2014). Sentidos do trabalho para jovens de um empreendimento solidário e para trainees. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7(2), 142-155. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000200003&lng=pt&lng=pt.

Borges, L.O., Barbosa, S. C., Ansoleaga, E., Barros, S. C., Heleno, C. T., & Rentería, E. (2022). Condições de trabalho, avanços da precarização e violência no trabalho. In Freitas, M. N. de C., Bentivi, D. R. C., Ribeiro, E. A., Moraes, M. M. de., Lascio, R. D. & Barros, S. C. (Orgs.), *Psicologia organizacional e do trabalho: Perspectivas teórico-práticas*. (pp. 489-529). Vetor.

Borges, L. O., & Barros, S. C. (2015). Inventário de significado do trabalho para trabalhadores de baixa instrução. In Puente-Palácios, K. E. & Peixoto, A. (Eds), *Ferramentas de diagnóstico para organizações e trabalho: Um olhar a partir da Psicologia*. (pp. 232-260). Artmed.

Borges, L. O., & Yamamoto, O. H. (2010). O significado do trabalho para psicólogos brasileiros. In Bastos, A. V. B. & Gondim, S. M. G. (Orgs.), *O trabalho do psicólogo no Brasil*. (pp. 248-282). Artmed.

Borges, L. O., & Yamamoto, O. H. (2014). Mundo do trabalho: Construção histórica e desafios contemporâneos. In Zanelli, J. C., Borges-Andrade, J. E. & Bastos, A.V. B. (Comps.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. (2a ed., pp. 25-72). Artmed

Borges, L. O., & Tamayo, A. (2001). A estrutura cognitiva do significado do trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 1(2), 11-44.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572001000200002&lng=pt&lng=pt

Bowen, D. E., Ledford, G. E., & Nathan, B. R. (1991). Hiring for the Organization, Not the Job. *The Executive*, 5(4), 35–51. <http://www.jstor.org/stable/4165035>

Brief, A. P., & Nord, W. R. (1990). *Meanings of occupational work: A collection of essays*. Lexington Books.

Camarano, A. A., Mello, J. L., Pasinato, M. T., & Kanso, S. (2004). Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiro. *Ultima década*, 12(21), 11-50.
<https://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362004000200002>

Canales, M., Orellana, V., Guajardo, F. y Hernández, C. (2021). La (re)vuelta de los que sobran: fulgor y crisis del neoliberalismo chileno. En Alé, S., Duarte, K., & Miranda, D. (Eds.), *Saltar el torniquete. Reflexiones desde las juventudes de octubre* (pp. 17-35). Fondo de Cultura Económica.

CNN Brasil. (2023, 10 de abril). *Quiet quitting: o que é esta tendência e o que significa para empresas*. Recuperado em 10 de outubro de <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/quiet-quitting/>

Coelho, R. N., & Aquino, C. A. B. (2009). Inserção laboral, juventude e precarização. *Revista Psicologia Política*, 9(18), 275-289.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200007

Costa, S. D. M., Marques, E. M. I., & Ferreira, A. C. C. (2020). Entre os Sentidos do Trabalho, Prazer e Sofrimento: Um Estudo Baseado na Perspectiva de Jovens Trabalhadores-Estudantes. *Revista Gestão Organizacional*, 13(1), 64-85. <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v13i1.4802>

Dario, V. C., & Lourenço, M. L. (2018). Cultura organizacional e vivências de prazer e sofrimento no trabalho: um estudo com professores de Instituições Federais de Ensino Superior. *Revista Organizações em Contexto*, 14(27), 345-395.

<https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v14n27p345-395>

Dejours, C. (2003). *A Banalização da Injustiça Social*. Editora FGV.

Dutra-Thomé, L. & Amazarray, M. R. (2018). Transição para a vida adulta e o mundo do trabalho. In Dutra-Thomé, L., Pereira, A. S., Rodrigues, S. I. N., & Koller, S. H. (Orgs.), *Adulthood emergente no Brasil: Uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta*. (pp 25-43). Vetor.

Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2014). O significado do trabalho na visão de jovens brasileiros: uma análise de palavras análogas e opostas ao termo "trabalho". *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(4), 367-380.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400004&lng=pt&lng=pt.

Erikson, E. H. (1968). *Identidade: juventude e crise*. Zahar.

Galambos, N. L., & Martínez, M. L. (2007). Poised for emerging adulthood in Latin America: A pleasure for the privileged. *Child Development Perspectives*, 1(2), 109–114.

<https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00024.x>

Gill, F. (1999). The meaning of work: Lessons from sociology, psychology and political theory. *The Journal of Socio-Economics*, 28(6), 725–743. [https://doi.org/10.1016/S1053-5357\(99\)00054-2](https://doi.org/10.1016/S1053-5357(99)00054-2)

Graebin, R. E., Matte, J., Larentis, F., Motta, M. E. V., & Olea, P. M. (2019). O Significado do Trabalho para Jovens Aprendizes. *Revista Gestão Organizacional*, 12(1), 17-38.

<http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v14i1.4100>

Gorz, A. (2004). *Misérias do presente, riqueza do possível*. Annablume.

Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. Loyola.

Holloway, J. (1987). The Red Rose of Nissan. *Capital & Class*, 11(2), 142-164.

<https://doi.org/10.1177/030981688703200109>

Hopenhayn, M. (2001). *Repensar el trabajo: Historia, profusión y perspectivas de un concepto*. Grupo Editorial Norma.

Jovem Pan. (2023, 5 de fevereiro). *Jovens priorizam saúde mental na hora de procurar empregos, diz pesquisa*. Recuperado em 14 de outubro de

<https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/saude-mental-e-essencial-para-jovens-em-empregos-diz-pesquisa.html>

Latife, P. C., Valdebenito, L. A., Pavez, J. M., Yáñez, C. M., Núñez, C. G., & Concha, G. D. (2021). Trabajos entre crisis: aproximaciones a las experiencias de jóvenes en Chile. *Ultima década*, 29(56), 244-274. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362021000200244>

Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.html

Linhart, D. (2014). Modernização e precarização da vida no trabalho. In R. Antunes (Org.), *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III* (pp. 45-54). Boitempo

Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551. <http://dx.doi.org/10.1037/h0023281>.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. de C. P., & Galvão, C. M.. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758–764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

Monteiro, J. K., Freitas, L. G. de., Ribeiro, C. V. dos S., Rissi, V., & Gomes-Souza, R. (2022). Os sentidos do trabalho em tempos de capitalismo neoliberal: como fica a saúde mental do trabalhador? In Freitas, M. N. de C., Bentivi, D. R. C., Ribeiro, E. A., Moraes, M. M. de., Lascio, R. D. & Barros, S. C. (Orgs.), *Psicologia organizacional e do trabalho: Perspectivas teórico-práticas*. (pp. 463-487). Vetor.

Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adultez emergente: na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @mbienteeducação*, 2(1), 129–137. <https://doi.org/10.26843/v2.n1.2009.545.p129-137>

Morin, E. (1996). L'efficacité organisationnelle et sens du travail. In T. Pauchaunt (Ed.). *La quête du sens: gerer nos organizations pour la snaté des personnes, de nos sociétés et de la nature*. (pp. 257-286). Editions de l'organisation.

Morin, E. M.. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista De Administração De Empresas*, 41(3), 08–19. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>

Morse, N. C., & Weiss, R. S. (1955). The function and meaning of work and the job. *American Sociological Review*, 20, 191–198. <https://doi.org/10.2307/2088325>

Mota, K. S. & Tonelli, M. J. (2013). Percepções sobre trabalho entre jovens de diferentes estratos sociais. *Anais do IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*. Anpad.

Oliveira, R. (2018). O ensino médio e a inserção juvenil no mercado de trabalho. *Trabalho, Educação E Saúde*, 16(1), 79–98. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00116>

Paulino, D. de S., & Bendassolli, P. F. (2018). Significado del trabajo y de la búsqueda de empleo para jóvenes ninis. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 36(2), 373-388. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5112>

Prates, C., da Silva, N. G., & Piccinini, V. C. (2014). O Sentido do Trabalho para o Operário: estudo de caso em uma fábrica de componentes eletrônicos. *Revista Ciências Sociais Em Perspectiva*, 13(24). <https://doi.org/10.48075/revistacsp.v13i24.8565>

Ribeiro, A. F. (2015). Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Lutas Sociais*, 19(35), 65–79. <https://doi.org/10.23925/lis.v19i35.26678>

Ribeiro, M. A., Costa, B. B. V. da, & Gonçalves, I. de A. (2021). Compreensão de Trabalho Decente entre Jovens com Baixa Qualificação. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 21(4), 1374–1394. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.63945>

Robynson, B. (2023, 3 de outubro). “*Quiet Ambition*”: a tendência que ameaça a sucessão nas empresas. *Forbes*. Recuperado em 10 de outubro de <https://forbes.com.br/carreira/2023/10/quiet-ambition-a-tendencia-que-ameaca-a-sucessao-nas-empr esas/>

Rosso, B. D., Dekas, K. H., & Wrzesniewski, A. (2010). On the meaning of work: A theoretical integration and review. *Research in Organizational Behavior*, 30, 91-127. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2010.09.001>

Salazar, K. O., & Pérez, E. R. (2021). Aproximación al estudio de los significados y sentidos del trabajo en jóvenes. *Psicología desde el Caribe*, 38(3), 343-367. <https://doi.org/10.14482/psdc.38.3.150>

Silva, J. M. (2016). High hopes and hidden inequalities: How social class shapes pathways to adulthood. *Emerging Adulthood*, 4(4), 239–241. <https://doi.org/10.1177/2167696815620965>

Specht, J. (2020). Age-Related Changes in Personality Traits. In: Zeigler-Hill, V., Shackelford, T.K. (Eds.), *Encyclopedia of Personality and Individual Differences* (pp. 75-80). Springer.

Strefling, S. (2006). O trabalho humano na perspectiva filosófica da encíclica *Laborem Exercens*. *Teologia*, 36(154), 767-786.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/1761/1294>

Tenório, F. G. (2011). A unidade dos contrários: fordismo e pós-fordismo. *Revista De Administração Pública*, 45(4), 1141–1172. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000400011>

Tolfo, S. da R., & Piccinini, V.. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 38–46.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>

Stone, R. A. T., Sabella, K., Lidz, C. W., McKay, C., & Smith, L. M. (2018). The meaning of work for young adults diagnosed with serious mental health conditions. *Psychiatric rehabilitation journal*, 41(4), 290–298. <https://doi.org/10.1037/prj0000195>

Vaz Lima, H.C. (1997). *Filosofia e cultura* (vol. III). Loyola.

Zan, D. (2013). Estudos sobre juventude no Brasil dos últimos 50 anos. In E. M. Miranda, & N. A. P. Bryan (Orgs.), *Formación de profesores, currículum, sujetos u prácticas educativas* (pp. 189-212). Editorial.

Zan, D., & Souza, A. N. de. (2023). Trajetórias profissionais de jovens professoras e professores . *Pro-posições*, 34, e20200092. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0092>

ANEXO 1: Normas para Submissão Cadernos de Psicologia

Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. [Acesso](#) em uma conta existente ou [Registrar](#) uma nova conta.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

Ser inédito, ou seja, não deve ter sido publicado, ou estar submetido, a qualquer outro periódico nacional ou internacional.

Atender a todas as recomendações do [Check list para autores/as](#)

Estar em conformidade com o Manual de Publicação da American Psychological Association (APA) (7ª edição ou edição vigente). O não atendimento às recomendações do Manual implicará a solicitação automática de ajustes às normas, antes da avaliação de aceitabilidade para apreciação de pareceristas ad hoc.

Ter a aprovação previa da submissão e assinatura dos/as autores/as ([Declaração de Responsabilidade e de Consentimento para Submissão](#)).

Apresentar a descrição da contribuição de cada autor para a realização da pesquisa e do artigo.

Apresentar uma breve biografia dos/as autores/as.

Diretrizes para Autores

O cadastro no sistema e posterior acesso são imprescindíveis para a submissão dos trabalhos bem como para acompanhar o processo editorial em curso. Se você tiver uma conta, clique em [Acesso](#). Se você quer criar uma nova conta, clique em [Cadastro](#)

É imprescindível que o manuscrito seja inédito e não esteja submetido a qualquer outro periódico. A extensão do manuscrito terá o mínimo de 10 laudas e máximo de 40 laudas, excluindo-se todos os

elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais: resumo, *abstract*, *resumen*, referências, figuras e tabelas, e, opcionalmente, as sugestões de leitura ou outros e apresentação de tópico adjacente. A formatação e a apresentação das referências no corpo do manuscrito ou na lista de referências deve estar em completa conformidade com o Manual de Publicação da *American Psychological Association* (APA) (7ª edição ou edição vigente).

A submissão apenas será aceita com a apresentação 1) do manuscrito em acordo com as normas da revista; 2) do [Checklist para autore/as](#) preenchido e assinado pelo/a autor/a responsável pelo contato com a revista e 3) a [Declaração de Responsabilidade e de Consentimento para a Submissão](#) preenchida e assinada pelos/as autores/as.

I. Tipos de colaboração aceita

Estudos teórico / conceituais – Artigo teórico/conceitual deve desenvolver argumentos para fazer avançar conceitos ou teorias recorrendo, preferencialmente, à literatura da pesquisa empírica vigente. Espera-se a apresentação da análise de construtos teóricos e o questionamento de modelos com o correspondente refinamento da (s) teoria (s) /do (s) conceito (s). Sugere-se a clara apresentação de lacunas, discrepâncias e inconsistências em uma teoria ou conceito e que se discutam propostas claramente formuladas para a realização de pesquisas futuras. O manuscrito deve ser organizado em: Introdução/Método/Resultados/Conclusão.

Estudos históricos – Artigo que destaca o caráter histórico de teorias, conceitos, vertentes filosóficas de teorias/conceitos, abordagens ou práticas da psicologia. Deve caracterizar-se como ensaio que apresenta a (s) origem (ns), os percursos, as mudanças dos temas selecionados para análise. A pergunta ou questão norteadora do artigo deve estar claramente definida em uma introdução que discute o estado da arte do tema em destaque. O procedimento de análise histórica adotado deve ser descrito detalhadamente. O manuscrito deve ser organizado em: Introdução/Objetivo/Procedimentos de Análise/Desenvolvimento/Conclusão

Estudos metodológicos – Artigo que se constitui na análise de procedimentos e métodos de investigação. O artigo deverá apresentar uma análise crítica dos procedimentos ou do método adotado na(s) pesquisa(s), apontando êxitos, fragilidades e oferecendo alternativas metodológicas. Destaca-se que não se trata da apresentação de artigos que relatam a realização de pesquisas empíricas (quantitativas ou qualitativas). As sínteses de artigos empíricos podem ser apresentadas

apenas a título de ilustração. Espera-se que seja exposta e discutida uma nova abordagem da prática de pesquisa ou as modificações de métodos ou as discussões sobre a análise de dados (quantitativa ou qualitativa). Solicita-se seguir a recomendação do Manual da APA (7ª edição ou edição vigente) para a formulação dos estudos metodológicos que devem oferecer ao leitor “detalhes necessários para os pesquisadores verificarem a aplicabilidade e exequibilidade de metodologia para um determinado tipo de problema de pesquisa estudado (p. 8-9). O manuscrito deve ser organizado em: Introdução/Método/Resultados/Conclusão.

Revisão de Literatura - Espera-se a apresentação e descrição clara e completa do problema orientador da revisão, acompanhadas da síntese de pesquisas que informem o estado da arte. O manuscrito deverá ser organizado com: uma introdução que sumarie as pesquisas relacionadas ao problema tratado; descrição do método (Sugere-se o sistema Prisma ou informação clara da natureza da revisão - sistema Cochrane-revisão narrativa ou outros), devidamente referenciado, com a descrição detalhada dos procedimentos de busca, seleção e análise dos artigos, publicados em um intervalo mínimo de 10 anos. Os resultados e discussão deverão descrever as relações, lacunas, inconsistências e contradições entre as pesquisas e dar destaque a sugestões de pesquisas futuras. A revisão de literatura poderá ou não ser acompanhada de meta-análise ou meta-síntese. O manuscrito deve ser organizado em: Introdução/Método/Resultados/Conclusão.

Bionotas da Psicologia Brasileira – A sessão tem por objetivo a criação de um acervo de Notas Biográficas e indicações bibliográficas daqueles/as profissionais, acadêmicos/as ou não, que se destacaram na construção e institucionalização da Psicologia no Brasil. As Notas deverão apresentar as principais informações sobre a pessoa biografada, tais como data e local de nascimento (e morte, se for o caso), dados da formação acadêmica e da vida profissional, redes e contextos intelectuais da vida profissional da pessoa biografada, contribuição para o estudo, a pesquisa, e outras atividades relevantes da Psicologia. As Notas deverão ser apresentadas em até cinco laudas e incluir até cinco itens bibliográficos da pessoa biografada. Pede-se incluir uma foto, uma capa de livro ou alguma referência imagética da pessoa biografada. As submissões serão apreciadas pela Comissão Editorial que avaliará a compatibilidade da proposta com as normas e objetivos da revista.

Memorabilia – A sessão tem o objetivo de registrar as apresentações que permaneceram na memória de ouvintes, sem que fossem publicadas em periódicos científicos, livros, anais de eventos, documentos de cunho acadêmico ou administrativo (Destaca-se que material escrito em qualquer

meio não será publicado). Memorabilia reunirá conferências, palestras, notas de aula, seminários apresentados por autores/as da Psicologia, proferidos em eventos, cursos, seminários, programas de disseminação científica e outros realizados no país. O manuscrito pode ser submetido pelos/as próprios autores/as ou por pessoa/proponente interposta. Quando o trabalho for apresentado pelo/a autor/a deverá ser derivado de trabalho realizado pelo/a próprio/a autor/a. Quando apresentado por pessoas que não o/a autor/a, o manuscrito deverá ser acompanhado da autorização expressa, escrita e assinada pelo autor/a ou pelo/a responsável legal pela guarda da obra do/a autor/a. O manuscrito da sessão Memorabilia deverá ter um mínimo de 10 e máximo de 40 páginas. Importante: - O artigo deverá ser composto por: (1) uma breve descrição do contexto que deu origem à fala, conferências, palestras, aulas, seminários, vídeos, podcast etc., ou seja, descrever as condições originais de apresentação do trabalho (informações sobre o tipo de trabalho/ evento/ instituição/ contexto acadêmico/ local/ data em que o trabalho foi apresentado) e (2) a exposição do trabalho propriamente dito, composta pela apresentação geral do tema e do objetivo do manuscrito seguidos do desenvolvimento e da conclusão. Além da lista de referências usual, (sem esquecer as mídias sociais – a 7ª edição do manual da APA tem o formato de apresentação das referências mais contemporâneas), pede-se destacar, pelo menos, duas referências imprescindíveis para o/a leitor/a acompanhar ou aprofundar-se no tema e dar até duas indicações de leituras ou de vídeos ou outro meio para acesso do leitor à material similar. Enfatizamos que as indicações de leitura devem ser apresentadas após a lista de referências. Os destaques e indicações adicionais devem ser apresentados após as referências. O manuscrito da sessão Memorabilia será apreciado pela Comissão Editorial que avaliará o mérito da proposta e sua compatibilidade com as normas e objetivos da revista. Nesta avaliação serão considerados: o objetivo do manuscrito, o desenvolvimento do tema, as conclusões e o alcance da contribuição para a área da Psicologia a que se propõe.

Estudo documental - O artigo deve explicitar claramente o objetivo, e ser organizado a partir da apresentação de uma pergunta de pesquisa ou de hipóteses de interesse a serem abordadas pelo exame de fontes previamente existentes. O texto deve incluir um inventário dos documentos disponíveis e a sua análise crítica, de modo a considerar a autenticidade, confiabilidade e procedência do material selecionado. Além disso, deve descrever os procedimentos empregados para identificação, seleção e análise da documentação. Os documentos que comporão o trabalho podem ser de domínio público ou de caráter privado. Por exemplo: Regulamentação federal, estadual, municipal ou de instituições, conselhos e entidades (leis, decretos, resoluções, portarias e normas);

Acordos, tratados e convenções nacionais e internacionais; Dados de censos, de arquivos institucionais ou particulares, de relatórios corporativos, de registro de patentes, genealógicos; Relatórios científicos de agências de fomento ou grupos de pesquisa consolidados, bem como notas técnicas; Programas de rádio ou televisão, documentos cinematográficos e/ou seus roteiros, material de publicidade, podcasts, sites e redes sociais; Diários e correspondências pessoais, documentos e registros iconográficos de família, autobiografias etc. Os estudos documentais distinguem-se dos artigos de revisão de literatura, pois analisam documentos diferentes dos textos científicos publicados no formato de monografias, dissertações, teses, artigos, capítulos e livros. O manuscrito deve ser organizado em: Introdução/Método/Resultados/Conclusão.

Ensaio - tem o objetivo de expor e discutir uma tese original sobre um determinado tema, sem esgotá-lo. No ensaio, defende-se um ponto de vista e apresenta-se uma argumentação, tanto para sustentar como para se contrapor à tese, de acordo com uma base sólida de referências da literatura. As referências da literatura são imprescindíveis e devem ser claramente apresentadas. O manuscrito deve ser organizado em: Introdução / Fundamentação / Conclusão / Referências.

Cadernos de Psicologia/Psychology Notes incentiva seus/suas autores/as a incluírem ao final dos estudos teórico/conceituais, históricos, metodológicos e das revisões de literatura alguns elementos que têm o caráter opcional. Mesmo sendo opcionais, a revista considera que qualquer dos elementos enriquecerá as informações às/aos potenciais leitores/as. Os elementos opcionais podem ser:

- Uma breve apresentação do reconhecimento da importância de até cinco referências ou citação (máximo de 20 palavras – as referências não contam).
- A apresentação de até cinco referências de livros, vídeos, websites que poderiam ser de interesse o leitor do artigo e que não fazem parte das referências do manuscrito
- A apresentação de uma breve discussão (até 200 palavras) que trate de um tópico adjacente ao manuscrito considerado fascinante pelos autores

Os elementos opcionais devem ser apresentados em páginas separadas, depois dos elementos textuais do manuscrito.

II. Orientação para submissão dos artigos

A submissão do manuscrito deverá ser feita pelo sistema eletrônico de gerenciamento do processo de publicação, disponível: <https://cadernosdepsicologia.org.br>, Manuscritos recebidos por correio

convencional, fax, e-mail ou qualquer outra forma de envio não serão apreciados pela revista. Após a submissão do manuscrito no sistema eletrônico, os/as autores/as receberão a mensagem de confirmação. O tempo médio estimado para a tramitação entre a submissão do manuscrito e sua publicação é de um ano.

As seguintes condições são imprescindíveis para que o manuscrito submetido à revista seja considerado para análise editorial:

- Ser inédito, ou seja, não deve ter sido publicado, ou estar submetido, a qualquer outro periódico nacional ou internacional.
- Atender a todas as recomendações do [Check list para os autores](#)
- Estar em conformidade com o Manual de Publicação da *American Psychological Association* (APA) (7ª edição ou edição vigente). O não atendimento às recomendações do Manual implicará a solicitação automática de ajustes às normas, antes da avaliação de aceitabilidade para apreciação de pareceristas *ad hoc*.
- Ter a aprovação previa da submissão e assinatura dos/as autores/as ([Declaração de Responsabilidade e de Consentimento para Submissão](#)).
- Apresentar a descrição da contribuição de cada autor para a realização da pesquisa e do artigo.
- Apresentar um mini currículo dos/as autores/as.

III. Aspectos Éticos

Os compromissos éticos de Cadernos de Psicologia/Psychology Notes foram inspirado nos preceitos que guiam o “Annual Review of Psychology” (<https://www.annualreviews.org/journal/psych>). A revista fundamenta o seu processo editorial no Comitê de Ética em Publicação (Committee on Publication Ethics/COPE) e no Manual de Publicação da *American Psychological Association* (APA/7ª edição ou edição vigente)

Compromissos e deveres dos editores:

- Adotar processos para assegurar a qualidade do material que publicam;
- Manter a integridade do registro acadêmico;
- Incentivar a exatidão, integridade e clareza dos manuscritos;
- Incentivar a avaliação objetiva e imparcial pelo Comissão Editorial;
- Promover a revisão por pares justa, imparcial e oportuna;

- Avaliar com rigor, objetividade e parcimônia todos os manuscritos submetidos à revista, sem nenhum tipo de distinção;
- Oferecer pareceres objetivos, construtivos e, acima de tudo, informativos para os autores do manuscrito avaliado;
- Indicar pareceristas *ad hoc* que não possuam conflito de interesse na publicação do manuscrito, seja em relação aos autores, aos objetivos da pesquisa, ou à entidade patrocinadora.
- Garantir a tramitação do manuscrito no sistema de revisão duplo-cego (*Double blind review process*).
- Realizar a tramitação dos manuscritos em menor tempo hábil possível.
- Garantir que toda e qualquer decisão editorial será baseada somente na importância, qualidade, originalidade e mérito do manuscrito.
- Publicar correções, esclarecimentos, retratações sempre que necessário;
- Disponibilizar informações sobre financiadores das pesquisas ou outros trabalhos acadêmicos publicados na revista;
- Esforçar-se para atender às necessidades dos autores e leitores;
- Impedir que interesses empresariais comprometam os padrões intelectuais e éticos do periódico;
- Defender a liberdade de expressão;

Responsabilidades dos autores

- Garantir que o manuscrito submetido para publicação não está submetido ou publicado em nenhum outro veículo de comunicação, nem foi publicado (Ver [Modelo Declaração de Responsabilidade e de Consentimento para Submissão](#));
- Preencher e anexar o [Checklist](#) para autores/as;
- Apresentar lista completa de referências, atendendo às determinações da APA (7ª edição ou edição vigente), ao final do manuscrito;
- Informar explicitamente sobre o suporte financeiro, quando for o caso;
- Informar a participação ativa de autor(es) na elaboração do manuscrito, contribuindo significativamente para o texto;
- Garantir que não há qualquer espécie de plágio;
- Informar a creditação e/ou permissão do proprietário de qualquer marca registrada ou direito autoral no manuscrito, caso seja necessário.
- Dar ciência de ser (em) o(s) detentor(es) dos direitos autorais. Responsabilizar (em) -se pela(s) autorização(ões) de reprodução dos artigos publicados em Cadernos de Psicologia/Psychology Notes.
- Fazer a cuidadosa revisão da correção gramatical do manuscrito em português e dos resumos em inglês (*abstract*) e espanhol (*resumen*).

- Declarar, de forma explícita, individualmente, qualquer potencial conflito de interesse financeiro, direto e/ou indireto, e não financeiro etc.
- Garantir que qualquer reprodução do artigo em outros meios contenha a informação das referências completas da publicação original do artigo em Cadernos de Psicologia/Psychology Notes.
- Conceder à revista Cadernos de Psicologia/Psychology Notes a autorização para a reprodução dos artigos aqui publicados em outros meios de divulgação e para fins de difusão em outros meios de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP).
- Além disso, os/as autores/as comprometem-se a garantir a qualidade da redação que será de sua exclusiva responsabilidade. Caso o manuscrito deixe de atender às normas de redação clara, rigorosa e correta não poderá ser veiculado neste periódico e será arquivado sem apreciação por editores/as associados/as.

A comissão editorial compromete-se a buscar o constante desenvolvimento do escopo da revista, e da qualidade editorial da Cadernos de Psicologia/Psychology Notes e, quando e se for oportuno, dará início às indexações.

As diretivas que guiam o processo editorial da Cadernos de Psicologia/Psychology Notes estão disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos:

- http://publicationethics.org/files/Ethical_guidelines_for_peer_reviewers_0.pdf
- http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors_Mar11.pdf
- <https://apastyle.apa.org/blog/coronavirus-response>

IV. Apresentação dos manuscritos

Todos os artigos submetidos a Cadernos de Psicologia/Psychology Notes devem atender às orientações a seguir: ser digitado em processador de texto compatível com o padrão *Word for Windows* ® 6.0 ou superior, em fonte *Times New Roman*, tamanho 12; com espaçamento duplo e alinhamento à esquerda. A página deverá corresponder ao tamanho A4, com 2,5 cm de margens em todos os lados (i.e., superior, inferior, esquerda e direita). Palavras ou expressões de origem estrangeira, estrangeirismos e símbolos estatísticos devem ser destacados em *itálico*.

Os manuscritos poderão conter, se indispensável, figuras e fotos coloridas, pois todas as publicações serão, exclusivamente, eletrônicas. Todavia, conforme as normas do Manual de Publicação da APA (7ª Edição ou edição vigente), as cores não são permitidas em tabelas.

Ordem de apresentação dos componentes do manuscrito:

1. Folha de rosto personalizada contendo:

1.1. Título pleno em português, inglês e espanhol. O título pleno não deve exceder 15 palavras.

1.2. Sugestão de título abreviado em português, inglês e espanhol. O título abreviado não deve exceder quatro palavras.

1.3. Nome de cada autor/a e suas afiliações institucionais. É obrigatório incluir ORCID de cada autor/a (ver em <https://orcid.org/>).

1.4. Indicação de um/a autor/a e seu endereço, telefone e endereço eletrônico correspondente para contato com a Revista.

1.5. Indicação do autor/a responsável pelo contato com os leitores bem como de seu endereço e contato de e-mail.

1.6. Quando necessário, incluir parágrafo reconhecendo apoio financeiro, colaboração de colegas, técnicos e outros fatos.

1.7. Nota dos/as autor/as com outras informações que julgar relevantes (opcional).

1.8. Apresentar a descrição da contribuição de cada autor/a para a realização da pesquisa e do artigo

1.9. A Folha de Rosto deve ser numerada com o número 1 e seguida pelas demais páginas do manuscrito numeradas em sequência.

2. Folha de rosto personalizada sem identificação:

2.1. Título pleno em português, inglês e espanhol.

2.2. Sugestão de título abreviado em português, inglês e espanhol.

3. Folha contendo o Resumo em português, em inglês (Abstract) e em espanhol (Resumen)

O Resumo deve conter o mínimo de 100 e o máximo de 250 palavras, seguido de cinco palavras-chave para indexação do trabalho. As palavras-chave devem ser escolhidas com precisão adequada para fins de classificação, permitindo que o trabalho seja recuperado no conjunto de trabalhos semelhantes. Sugere-se que os autores busquem as palavras-chave no banco de terminologias BVS Psicologia Brasil. Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br/php/level.php?lang=pt&component=17&item=124>. Para key words ou palabras clave, buscar o Thesaurus.

4. Manuscrito propriamente dito

O manuscrito deve iniciar com uma *folha de rosto* contendo o título do texto e o subtítulo, em português, inglês e espanhol.

O título deve conter até 15 palavras. Deve ser uma afirmação clara sobre o conteúdo do artigo. Sugere-se que o/a autor/a siga as instruções para organização de título e subtítulo na mais recente edição do Manual de Publicação da APA, (7ª edição ou edição vigente).

O corpo do texto deverá ter o mínimo de 10 e o máximo de 40 páginas, excluindo folha de rosto, resumo e lista de referências bibliográficas. Deverá ser compatível com folha tamanho A4, com 2,5 cm de margens em todos os lados e recuo da primeira linha do parágrafo de 1,2. O arquivo deve estar gravado em um editor *Word for Windows®6.0 ou superior, com fonte Times New Roman tamanho 12, espaçamento duplo entre linhas, incluindo resumo e referência*

Os locais para inserção de figuras e tabelas devem ser claramente indicados no texto.

As *Notas de rodapé* devem restringir-se à complementação de informações que, julgadas imprescindíveis, não caibam na sequência lógica do texto; devem ser reduzidas ao mínimo.

As *Citações* de autores devem obedecer às normas do Manual de Publicação da APA, (7ª edição ou edição vigente). No caso de citação direta, a transcrição deve ser delimitada por aspas e a citação do autor deve ser seguida do número da página citada. Citações literais devem ser evitadas, mas quando tiverem 40 palavras ou mais, devem ser apresentadas em bloco próprio, começando em nova linha, com recuo de 0,5cm em cada margem, na posição de um novo parágrafo. O mesmo tamanho de fonte do texto (12) deve ser utilizado.

A lista de Referências deve ser inserida em uma nova página de *referências* formatada em espaço duplo.

5. Figuras

Devem ser apresentadas ao final do texto, uma em cada página do texto, incluindo legenda. Para assegurar qualidade de reprodução, figuras que contenham desenhos devem ser encaminhadas em qualidade para fotografia. Como há limites para a largura de figuras na versão publicada (PDF), os autores devem tomar cuidado para que as legendas mantenham qualidade de leitura, caso seja necessária redução. O título da deve ser apresentado à parte como texto, em folha separada. Em adição, produza um arquivo contendo todas as figuras, cada figura em uma página e uma página com todos os títulos das Figuras com os números correspondentes.

Caso o manuscrito apresente figuras extraídas de outros artigos ou mídias, será necessário enviar a autorização expressa do autor ou veículo de divulgação para uso devidamente comprovada pelo autor ou agência responsável. Sem a autorização escrita, o artigo não será apreciado. A autorização deverá estar anexada no momento da submissão do manuscrito.

6. Tabelas

Devem ser apresentadas ao final do texto, uma em cada página, incluindo título e legenda (quando necessário). Os autores deverão limitar sua largura a 60 caracteres, para tabelas simples que ocupem uma coluna impressa, incluindo três caracteres de espaço entre colunas, e limitar sua largura a 125 caracteres, para tabelas que ocupem duas colunas impressas. O comprimento de tabelas não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé. Caso o manuscrito apresente tabelas extraídas de outros artigos ou mídias, será necessário anexar a autorização para uso, devidamente comprovada pelo autor ou agência responsável.

7. Anexos / Apêndices

Os anexos e apêndices devem ser apresentados apenas quando contiverem informação original imprescindível, ou destaque indispensável para a compreensão do trabalho.

8. Elementos Opcionais

A revista prevê a possibilidade de três tipos de elementos que podem ser acrescentados ao manuscrito a critério de autores/as: Breve apresentação do reconhecimento da importância de até cinco referências ou citações; Apresentação de até cinco referências de livros, vídeos, websites que poderiam ser de interesse o leitor do artigo e que não fazem parte das referências do manuscrito e apresentação de uma breve discussão (até 200 palavras) que trate de um tópico adjacente ao manuscrito considerado fascinante pelos autores

V. Avaliação pela comissão editorial

Os manuscritos recebidos serão apreciados pela Comissão Editorial. Se estiverem de acordo com as normas de publicação da revista, serão encaminhados a pareceristas *ad hoc*. **A avaliação segue procedimento duplo-cego (*double-blind review*). A identidade de autores/as e suas afiliações institucionais não serão informadas a pareceristas *ad hoc*. Do mesmo modo, a identidade de pareceristas *ad hoc* não será informada a autores/as. A Comissão Editorial apreciará os pareceres (*ad hoc*) e notificará a decisão a autores/as. As decisões podem compreender: aceite sem modificação; aceite com solicitação de reformulação, necessidade de amplas reformulações, resubmissão para nova apreciação, ou recusa.**

Em caso de solicitação de reformulações, estas deverão atendidas por autore/as. O manuscrito revisado deve ser submetido novamente pelo sistema, de acordo com o processo integral de submissão. O manuscrito reformulado deve conter todas as revisões marcadas em vermelho. Em uma carta a editores/as, cada revisão deve ser detalhada e todas as sugestões e comentários devem ser indicados com a respectiva alteração ou a justificativa/motivo para não os acatar. O manuscrito reformulado passará por nova apreciação pela Comissão Editorial e por pareceristas *ad hoc*. Podem ser solicitadas tantas mudanças quantas forem necessárias para uma possível aceitação final do texto. À decisão final sobre a publicação do manuscrito será comunicada a autores/as. Salienta-se que a solicitação de revisões não implica, necessariamente, a aceitação de publicação do manuscrito reformulado.

A Comissão Editorial poderá fazer pequenas modificações no texto. No caso de o manuscrito ser aprovado para publicação, uma prova gráfica será enviada para a última revisão de autores/as. Esta revisão deverá ser devolvida acompanhada de uma manifestação de aprovação por parte de autores/as e coautores/as.

O tempo médio de tramitação do manuscrito entre a submissão e a publicação é de um ano.

Importante: *Cadernos de Psicologia/Psychology Notes* não corrige os manuscritos submetidos, nem os resumos apresentados nos diversos idiomas, com relação a aspectos gramaticais e ortográficos. O cuidado e a correção gramatical e a ortografia dos manuscritos é obrigação exclusiva de autores/as do manuscrito, sendo uma etapa prévia à submissão. Os artigos serão publicados com a redação proposta por autores/as. Para evitar a devolução do manuscrito por dificuldades de redação, sugere-se que, previamente ao envio do manuscrito para apreciação da revista, os/as autores/as submetam o texto a uma revisão feita por profissional ou empresa especializada.

VI. Aceite do manuscrito

Encerrado o período de edição de um artigo online, este receberá um DOI e será veiculado em *Cadernos de Psicologia* e nos meios de divulgação da revista e da SBP.

Um volume da revista, *Cadernos de Psicologia/Psychology Notes*, com o ISSN e data de lançamento, será composto tão logo seja veiculado um conjunto de, no mínimo, dez artigos.

Declaração de Direito Autoral

A declaração de direito autoral consta do modelo [Declaração de Responsabilidade e de Consentimento para Submissão](#).

Os direitos autorais dos artigos publicados na *Cadernos de Psicologia/Psychology Notes* pertencem os/as autores/as. A reprodução total ou parcial, em outros periódicos ou veículos de divulgação, para quaisquer outros fins não comerciais, deverá ser acordada diretamente com os/as autores/as. Os/As autores/as comprometem-se a garantir que qualquer reprodução do artigo em qualquer outro meio será não comercial e deverá conter a informação das referências completas da publicação original do artigo em *Cadernos de Psicologia/Psychology Notes*.

Os/As autores/as concedem à revista *Cadernos de Psicologia/Psychology Notes* a autorização para a reprodução dos artigos aqui publicados em outros meios de divulgação e para fins de difusão em meios de divulgação a critério da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). É responsabilidade

exclusiva dos/as autores/as indicar, em qualquer forma e meio de reprodução dos artigos, as referências completas da publicação original em Cadernos de Psicologia/Psychology Notes.

Reprodução parcial de outras publicações nos artigos publicados em Cadernos de Psicologia/Psychology Notes

Os manuscritos submetidos à publicação devem obedecer aos limites legais de reprodução de obras com direitos autorais especificados, quando contiverem partes extraídas de outras publicações. Recomenda-se evitar a reprodução de figuras, tabelas e ilustrações. A aceitação de algum manuscrito que contiver este tipo de reprodução dependerá da autorização por escrito, do detentor dos direitos autorais do trabalho original, endereçada aos/as autores/as do trabalho submetido ao periódico. Cadernos de Psicologia/Psychology Notes, em nenhuma circunstância, repassará direitos de reprodução assim obtidos.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.